

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tuany Defaveri Begossi

**AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
APARECIDA DE NOVA PRATA/RS (1937-1949)**

**Porto Alegre
2013**

Tuany Defaveri Begossi

**AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
APARECIDA DE NOVA PRATA/RS (1937-1949)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janice Zarpellon Mazo.

Porto Alegre

2013

Tuany Defaveri Begossi

**AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA
APARECIDA DE NOVA PRATA/RS (1937-1949)**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico – UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo - UFRGS

*Dedico este trabalho ao meu pai, Gilberto, a minha mãe, Lurdes
e a minha irmã, Tayná, por serem meus exemplos de
perseverança, honestidade e união. Vocês são
meu alicerce, meu sorriso e minha
inspiração, todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Como já dizia Raul Seixas: “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Ao concluir esta importante etapa de minha formação, é muito gratificante poder agradecer a um grupo de pessoas que, mesmo que de forma indireta, sonharam junto comigo e colaboraram de diferentes maneiras, para que este ideal se tornasse realidade. Portanto, esta conquista também é de todos vocês.

Agradeço, primeiramente, à proteção de Deus, por me iluminar e permitir que eu continue buscando meus objetivos com saúde e perseverança.

Agradeço, imensamente, aos meus pais, por serem meu “porto seguro” e razão da minha existência. Vocês são meus exemplos de generosidade, honestidade, humildade e amor. Obrigada pela dedicação incondicional e por permitirem que eu pudesse me dedicar, totalmente, aos estudos durante estes quatro anos e meio que estive na graduação. Isso só demonstra, ainda mais, o valor dado por vocês, a minha educação e espero poder retribuir este esforço todos os dias. Sou grata também a minha irmã, Tayná, minha confidente, conselheira e companheira de todas as horas. Admiro-te muito por ser quem és e pelas tuas escolhas. Tenho certeza que o tempo te reserva um futuro brilhante, pois és merecedora das melhores coisas que possam existir. Agradeço todos os dias por ter vocês perto e junto comigo, sempre.

Agradeço, de forma muito especial, à Prof.^a Dr.^a Janice Zarpellon Mazo, orientadora do trabalho, que não mediu esforços para indicar-me o melhor caminho a percorrer para efetivação deste estudo. Obrigada pela paciência, atenção e por todas as sugestões. Sem dúvidas foram de extrema importância para a finalização desta investigação. Queria agradecer-lá também pelo convívio, aprendizado, conselhos e direcionamentos. Este período de convivência permitiu admirá-la ainda mais, pelo exemplo de pessoa íntegra e pela seriedade e dedicação profissional com que trata a formação de futuros professores de Educação Física. És um exemplo a ser seguido por todos os profissionais que desejam dedicar-se a docência.

Quero agradecer também a toda minha família, meus avós, tios, dindos e primos. Sou extremamente feliz, por ter tido a sorte ou, quem sabe, a permissão do destino, para conviver com pessoas tão especiais como vocês. Obrigada pela união presente em todos os momentos. Quero agradecer em especial a Tali, minha

prima/irmã, que sempre esteve muito presente na minha vida. Das brincadeiras da infância as angústias para a finalização do Trabalho de Conclusão de Curso, juntas. Sem dúvidas encerrar este ciclo de formação, dividindo momentos decisivos contigo, foi ainda mais especial e gratificante. Quero que continuemos sempre assim, caminhando uma ao lado da outra.

Sou grata também ao meu amado, Marcos Vinícius Tortini, por participar das minhas aflições e me apoiar em todas as minhas escolhas. Obrigada por ser esta pessoa paciente, por me entender e por estar ao meu lado em todos os momentos. Admiro-te muito por tudo aquilo que és e pelo que representas para mim. Sem dúvidas, durante estes quatro anos e meio aprendemos e crescemos muito juntos e, tenho certeza, que este é só o início de uma longa história. Agradeço também por ter me dado uma segunda família, pela qual tenho muito carinho. Vó Francisca, Maria e Lino, obrigada pela acolhida e por todo apoio e incentivo recebidos durante este tempo.

Agradeço também a todas as pessoas que dividiram comigo as idas e vindas da região metropolitana a Serra. Em especial à Anelize, Denise, Greize, Jana e Dudu e a Luiza. Obrigada pelas caronas, conversas e amizade.

Quero agradecer, de maneira especial, as minhas amigas, pois como diria Martha Medeiros: “Reconheçamos o básico: uma vida sem amigos é uma vida vazia”. Assim, agradeço, primeiramente, as amigas do “Elas por Elas” que são a tradução do que é a alegria e a cumplicidade. Sem dúvidas vocês são muito mais que um bloco de carnaval, são minhas confidentes, minhas companheiras, minhas amigas. Tyna, Lala, Ruth, Carol, Mila, Paulinha, Sassa, Ana, Fê, Michi, Desyree, Tayra e Lu, quero vocês sempre perto de mim, mesmo que seja em pensamento.

Agradeço também aos grandes amigos da EsEF/UFRGS, em especial a Grasi, Alice, Vivian, Cassiana, Evelyn, Eduardo Carmona, Paulo Vicari, Suelen, Priscila Morales e Samuel, pelo aprendizado que tive com cada um de vocês, pela parceria e amizade durante a graduação. Admiro a todos de maneira especial e espero tê-los comigo por muito tempo ainda.

Ao pessoal do PET, que muito mais do que proporcionar um grupo de trabalho e discussão foram grandes amigos e me ensinaram muito durante estes dois anos. Obrigada por todo aprendizado, críticas e convívio diário. Com certeza cresci e aprendi muito com todos vocês.

Agradeço também aos membros do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) por terem me acolhido no grupo e terem me ensinado muito durante este período. Obrigada pelas conversas, sugestões, orientações e amizade.

Quero agradecer também a equipe maravilhosa do CEME, que tive contato no início da graduação, por me proporcionarem inúmeros aprendizados. Agradeço em especial a Leila, Luciane Soares, Johanna Coelho, Letícia Moraes e a Prof.^a Dr.^a Silvana Goellner pela confiança, convivência, companheirismo, carinho e respeito.

Agradeço, de forma muito especial, as senhoras colaboradoras e protagonistas deste estudo: Albertina, Albina, Ady, Bacilide, Cecília, Dileta, Maria do Carmo, Maria de Lourdes, Nery e Zélia. Obrigada pela disponibilidade e atenção dispensadas durante a realização das entrevistas.

Agradeço ao Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata/RS por oportunizar o meu acesso aos documentos, relatórios e listas de chamada da instituição. Agradeço em especial a equipe da secretaria, da biblioteca e a direção do Colégio. Sem dúvidas, vocês colaboraram de forma significativa para efetivação deste trabalho.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Escola de Educação Física (ESEF/UFRGS), em especial a todos os professores e técnicos que tive a honra de conviver durante este tempo. Obrigada pelo aprendizado e pelas palavras de incentivo.

Enfim, agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, fazem parte da minha vida e que mesmo distantes, me fazem crescer todos os dias.

Muito obrigada!

*“Lembrança puxa lembrança e seria
preciso um escutador infinito”.*

(Ecléa Bosi, 1994, p.39)

RESUMO

O Colégio Nossa Senhora Aparecida, do município de Nova Prata/RS, foi fundado em 24 de fevereiro de 1937, pela iniciativa do Padre Luiz Mascarello e de um grupo de senhoras. O presente estudo tem por objetivo descrever como se sucederam as aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, desde sua instalação em 1937 pela Congregação do Imaculado Coração de Maria, até 1949, quando ocorreu a solenidade de formatura da primeira turma do curso Ginásial. As questões que nortearam a pesquisa foram: a) Quem eram os professores de Educação Física; b) Quais os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física; c) Que procedimentos didático-pedagógicos eram aplicados pelos professores nas aulas. Para responder tais questionamentos foi utilizado o referencial teórico-metodológico da História Cultural e da História Oral, assentando-se na análise de fontes documentais, orais e iconográficas. As fontes revelaram que a presença do Colégio no município de Nova Prata teve especial relevância por ser a primeira instituição de ensino a oferecer o curso primário e a funcionar em regime de internato. Na época da fundação do Colégio, em 1937, a Educação Física brasileira sofria forte influência do militarismo; as décadas seguintes foram marcadas pelo movimento esportivo. Investigar as aulas de Educação Física em uma instituição educacional permitiu-nos penetrar em um universo de valores católicos e cívicos. Esta investigação se justifica por ser uma forma de registro histórico que busca contribuir com a preservação da memória do processo de escolarização da Educação Física no RS.

Palavras-chave: História da Educação Física, Escola, Ginástica.

ABSTRACT

The school Nossa Senhora Aparecida, located in Nova Prata/RS, was founded on February 24, in 1937, by the initiative of Father Luiz Mascarello and a group of ladies. The objective of this study is to describe how were the Physical Education classes at school Nossa Senhora Aparecida, since its installation in 1937 by the Congregation of Imaculado Coração de Maria, until 1949, when the first group of junior high school graduated. The questions that guided this research were: a) Who were the teachers of Physical Education; b) What contents were developed in Physical Education classes; c) What didactic and pedagogic procedures were applied by teachers in the classes. To answer these questions, the theoretical and methodological referential of Cultural History and Oral History was used, relying on the analysis of documentary, oral and iconographic sources. The sources indicated that the presence of the school in the city of Nova Prata had a special importance because it was the first institution to offer the elementary school and to work with boarding school. When the school was founded, in 1937, Brazilian Physical Education was strongly influenced by militarism; the following decades were marked by the sporting movement. Investigating the classes of Physical Education in an educational institution allowed us to interact with a universe of catholic and civic values. This investigation is justified by being a form of history register that looks for contributing to preserve the memory of schooling process of Physical Education in RS.

Keywords: History of Physical Education, School, Gymnastics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Primeira Igreja, construída em madeira, em meados de 1890	31
Figura 2 - Vista do Distrito de Capoeiras entre os anos 1918 a 1922.	32
Figura 3 - Festa de Emancipação realizada no ano de 1924, no Hotel Central, do Município do Prata	33
Figura 4 - Primeira administração do Município do Prata (1924-1928).	34
Figura 5 - Vista do Município do Prata no ano de 1930.	35
Figura 6 - Inauguração da Prefeitura Municipal do Prata, no dia 07 de setembro de 1941	38
Figura 7 - Inauguração do Primeiro Campo Municipal de Futebol, no ano de 1948.	39
Figura 8 - Sede da Sociedade Grêmio Pratense no ano de 1949.	40
Figura 9 - Festa de Inauguração da Sede Social da Sociedade Grêmio Pratense em 1949	41
Figura 10 - Imagem da Madre Maria Bárbara da Santíssima Trindade.....	45
Figura 11 - Inauguração do Colégio Nossa Senhora Aparecida no ano de 1937	46
Figura 12 - Primeiro livro de matrícula do Colégio Nossa Senhora Aparecida	47
Figura 13 - Inauguração do novo edifício do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1944.....	51
Figura 14 - Vista dos fundos do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1944	52
Figura 15 - Retiro realizado no ano de 1944 no Colégio Nossa Senhora Aparecida	53
Figura 16 - Registro do Curso Ginásial do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1946	54
Figura 17 - As duas primeiras diretoras do Colégio Nossa Senhora Aparecida, Rvda. Madre Maria Florência do Coração de Maria e Rvda. Madre Maria Teolide de Jesus Sacramentado	56
Figura 18 - Quadro comemorativo à formatura da primeira turma no ano de 1949 ..	57
Figura 19 - Uniforme feminino do Colégio Nossa Senhora Aparecida, 1938	79
Figura 20 - Presença da população no Desfile Cívico, na Praça da Bandeira, em Nova Prata, no dia 05/09/1941	89
Figura 21 - Presença de um Militar na organização dos alunos no tempo que antecedia o Desfile Cívico.....	90
Figura 22 - “Escola Nossa Senhora Aparecida. Tudo pela Pátria”.	92
Figura 23 - Desfile Cívico em Nova Prata, no ano de 1941.	93
Figura 24 - Organização dos alunos, separados por sexo, tamanho e idade, para o Desfile Cívico.....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação dos nomes e idades das colaboradoras do estudo	24
Tabela 2 - Corpo Docente registrado em 1945.....	55
Tabela 3 - Diretoria da Sociedade de Amigos do Ginásio Nossa.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE – Associação Brasileira de Educação

CEME – Centro de Memória do Esporte

DEF – Divisão de Educação Física

E.N.S.A. – Escola Nossa Senhora Aparecida

ESEF – Escola de Educação Física

LAPEX – Laboratório de Pesquisa do Exercício

NEHME – Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	19
2.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	23
2.1.1 Coleta das fontes	23
2.1.2 Análise das fontes	27
3. O CONTEXTO PARA A EMERGÊNCIA DE UM COLÉGIO CONFSSIONAL: O MUNICÍPIO DE NOVA PRATA	29
4. DO ANSEIO À CONCRETUDE: A CRIAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA.....	43
5. DA GINÁSTICA AO ESPORTE: O MOVIMENTO GINÁSTICO EUROPEU E SUA INSERÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	64
6. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA	75
6.1 AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PREPARAÇÃO PARA A SEMANA DA PÁTRIA	86
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	104
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105

1. INTRODUÇÃO

O Colégio Nossa Senhora Aparecida é uma instituição de ensino localizada no município de Nova Prata, que foi fundada em 24 de fevereiro de 1937, pela iniciativa do Padre Luiz Mascarello e de um grupo de senhoras. Havia o anseio de um grupo de pessoas da comunidade pela instalação de uma escola dirigida por religiosas, em razão dos valores propagados pelas instituições educacionais católicas. O colégio, vinculado a Congregação do Imaculado Coração de Maria, foi instalado em uma casa de madeira, doada por membros da comunidade de Nova Prata (Relatório de Atividades [s.d.]).

Na época da fundação do Colégio Nossa Senhora Aparecida, o município de Nova Prata atendia pelo nome de “Prata”. Anteriormente a sua emancipação, era parte integrante da grande Colônia de Alfredo Chaves (atual município de Veranópolis), sendo o segundo Distrito nomeado de Capoeiras; emancipou-se em 11 de agosto de 1924, pelo Decreto nº 3.351 (GALEAZZI, 1998). Quando o colégio foi inaugurado, em 1937, quem estava à frente do município do Prata era o senhor Adolpho Schneider, o qual contava com significativo prestígio político nas altas esferas do poder estadual e federal. Provavelmente, sua condição política privilegiada favoreceu a instalação do colégio, contudo cabe também ressaltar que no longo período em que administrou o município (1933-1946) dedicou especial atenção ao ensino municipal, público e particular (FARINA, 1986).

O colégio, primeiramente chamado de “Escola Particular Nossa Senhora Aparecida”, iniciou suas atividades em meio a muitas dificuldades. Com o passar dos anos, o número de alunos foi aumentando e as acomodações não conseguiam mais atender a todos os estudantes. Faltavam salas de aula, espaços para recreio e outras atividades dos alunos. Diante destas dificuldades, adquiriu-se um terreno e mais uma casa. Entretanto, todos os esforços não foram suficientes, uma vez que a cada ano, matrículas eram realizadas e novos alunos chegavam à instituição de ensino.

Diante deste contexto, no dia dois de fevereiro de 1943, iniciou-se a construção de um prédio de alvenaria com o intuito de satisfazer as exigências de acomodação e de ensino. Tempos depois, iniciaram-se novas obras destinadas a construção de um “prédio” para as aulas de Educação Física, conforme exigência da

“nova pedagogia” (Relatório de atividades, [s.d.]). Em meados da década de 1940, o colégio já tinha melhores instalações para suas atividades e oferecimento de novos cursos.

Aos quinze dias do mês de março de 1946, inaugurou-se solenemente o Curso Ginásial da instituição, além de ser fundada, também nesta data, a “Sociedade de Amigos do Ginásio Nossa Senhora Aparecida” tendo por finalidade amparar moral e material o novo ginásio. Neste ano o colégio tinha 300 alunas e alunos matriculados. Após três anos, no dia oito de dezembro de 1949 realizou-se a solenidade de formatura da primeira turma do Curso Ginásial, com missa e bênção dos anéis e da bandeira do colégio. A entrega dos certificados aos 24 alunos formandos foi realizada à noite no Clube Grêmio Pratense (Histórico do Colégio, [s.d.]).

A trajetória do Colégio Nossa Senhora Aparecida, como instituição educativa gerou uma significativa massa documental, composta, em sua grande maioria, por documentos administrativos que trazem vestígios das práticas escolares. A busca por tais registros, principalmente os relacionados com a configuração das aulas de Educação Física foi bastante instigante pelos motivos que seguem. Primeiro por residir no município de Nova Prata e por saber que o Colégio foi diferente dos demais, uma instituição que possuía certas particularidades, como ter oferecido um internato para mulheres em determinado período. Segundo, por ter sido um colégio bastante conservador, dirigido por religiosas durante décadas. Terceiro por ter sido fundado em uma época na qual a Educação Física estava passando por um processo de transição entre os conteúdos baseados no militarismo – jogo, dança, esgrima, equitação, canto – característicos do século XIX e início do século XX, para se firmar, a partir de 1940, como um movimento hegemonicamente esportivo (SOARES, 1996).

Apesar da relevância histórica do colégio, para a Educação Física sul-riograndense, para a própria instituição e também para o município de Nova Prata, não existem estudos que se dedicam a descrever como se constituíam as primeiras práticas esportivas em escolas ou em outras instituições como, por exemplo, clubes desta cidade. Além disso, são escassos os estudos que evidenciam registros históricos relacionados com a formação da sociedade local e suas instituições de ensino, culturais e esportivas, sendo encontradas apenas quatro publicações que abordam estas perspectivas: Farina (1986); Galeazzi, (1982; 1998); e Xerri (2004).

Estes livros apresentam uma abordagem panorâmica sobre o município de Nova Prata, destacando principalmente aspectos formativos e políticos.

O presente estudo tem por objetivo descrever como se sucederam as aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, desde sua instalação em 1937 pela Congregação do Imaculado Coração de Maria, até o ano de 1949, quando ocorreu a solenidade de formatura da primeira turma do curso Ginásial. A fim de delimitar o objetivo apresentado anteriormente, seguem três questões que nortearam a pesquisa: a) Quem foram os primeiros professores do Colégio; b) Quais conteúdos eram desenvolvidos nas aulas de Educação Física; c) Quais os procedimentos didático-pedagógicos aplicados pelos professores nas aulas.

Na perspectiva de contribuir para a preservação da memória social do processo de escolarização da Educação Física no Rio Grande do Sul, bem como, do município de Nova Prata, justifica-se a realização desta pesquisa. Para tanto, buscou-se apoio teórico na Nova História Cultural e também na História Oral, sendo esta última uma base teórico-metodológica fundamental para interpretar os caminhos percorridos pelo colégio no tempo histórico demarcado neste estudo, juntamente com a Análise Documental e Análise sócio-histórica de fotografias. Os resultados da análise das informações foram condensados em quatro capítulos.

Após a Introdução, segue o capítulo intitulado “Pressupostos Teórico-Metodológicos”, destinado a apresentação dos referenciais teóricos e metodológicos que sustentaram o desenvolvimento desta pesquisa. Na sequência apresentamos os capítulos com os resultados da revisão bibliográfica e análise documental.

O primeiro capítulo intitulado “O contexto para a emergência de um colégio confessional: O município de Nova Prata” busca relatar aspectos formativos e políticos que desencadearam a fundação de Nova Prata, bem como contextualizar, de maneira histórica, o município no período de 1937 a 1949.

O segundo capítulo “Do anseio à concretude: a criação do Colégio Nossa Senhora Aparecida” destaca aspectos históricos relacionados à fundação do Colégio Nossa Senhora Aparecida, enfatizando sua trajetória como instituição educativa no período de 1937 a 1949.

No terceiro capítulo intitulado “Da Ginástica ao Esporte: O Movimento Ginástico Europeu e sua inserção nas escolas brasileiras” apresenta-se o desenvolvimento dos Métodos Ginásticos europeus, bem como a inserção destes

nas instituições de ensino do Brasil e posterior sistematização de um Método Ginástico Nacional.

O quarto capítulo “As aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida” busca destacar como se constituíam as aulas de Educação Física no Colégio, descrevendo os conteúdos e os significados atribuídos a eles, por ex-alunas. Além disso, no subcapítulo 6.1 intitulado “As aulas de Educação Física e a preparação para a Semana da Pátria” são abordadas, questões relacionadas à preparação do Colégio Nossa Senhora Aparecida para as comemorações da Semana da Pátria, no município de Nova Prata.

Por fim são apresentadas as “Considerações Finais” e as Referências utilizadas na pesquisa.

2. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Tendo por finalidade registrar como se constituíram as aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata/RS, no período de 1937-1949, por meio do olhar de alunas da primeira turma desta instituição, de fontes documentais e iconográficas, busca-se neste capítulo apresentar as lentes e ferramentas adotadas para compor o *corpus* teórico-metodológico desta investigação. Neste sentido, utilizam-se as discussões teóricas da História Cultural e da História Oral, sendo esta última, empregada como opção metodológica juntamente com a Análise Documental e Análise Sócio-Histórica das fotografias. A seguir então, são apresentados os conceitos teóricos, bem como os caminhos que utilizei para a formulação deste trabalho.

Optou-se por utilizar os conceitos teóricos da História Cultural e da História Oral por entender que são campos teóricos que se complementam na presente investigação. A História Cultural por buscar uma narrativa de representações do passado, formulando uma versão do que já foi representado e a História Oral por vislumbrar, através da memória, uma reconstrução do passado a partir de lembranças de pessoas que vivenciaram os fatos, tornando a história a ser contada mais viva. Diante disso, inicialmente fizeram-se algumas considerações relacionadas aos pressupostos teóricos da História Cultural e, posteriormente, relacionados à História Oral.

A História Cultural, segundo Barros (2005) é um campo historiográfico que se tornou mais preciso e evidente a partir das últimas décadas do século XX, mas que tem claros antecedentes desde o início do mesmo século. É particularmente rica no sentido de abrigar, diferentes possibilidades de tratamento. Para o historiador francês Roger Chartier (2000) a História Cultural tem por objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Neste sentido, a cultura é vista como sendo um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens, sendo uma dimensão múltipla, plural e complexa, que pode gerar diversas aproximações diferenciadas (BARROS, 2005). No entanto, a cultura, não é apenas acumulação de tradições sociais. “Ela está tão profundamente entrelaçada com todo o sistema

cognitivo que a visão do mundo em cada indivíduo é constituída pela experiência cultural e a ela está sujeita” (SANTOS, 2005, p. 2).

Para Barros (2005, p. 136), o campo da História Cultural emprega “noções” sendo estas, “quase conceitos”. Destaca ainda, que tais “noções” podem ir se transformando em “conceitos”, “à medida que adquirem uma maior delimitação e que uma comunidade científica desenvolve uma consciência maior dos seus limites e da extensão de objetos à qual aplica”. Para Chartier (2000) as práticas e as representações são conceitos básicos vinculados a este campo e que já são operacionalizados em vários estudos realizados na perspectiva da História Cultural.

Na presente investigação, o entendimento de “representações” adotado vincula-se ao pensamento de Chartier (2000), o qual afirma que as representações são componentes da realidade social e que toda representação se apresenta como representação de alguma coisa. Barros (2005), seguindo a mesma linha de pensamento, destaca a complementaridade entre “práticas e representações”. Desta forma, afirma que as práticas geram representações e as suas representações geram práticas não sendo possível distinguir onde estão os começos, se em determinadas práticas ou em determinadas representações. Para ele, o entendimento de “práticas” quando se trata de História Cultural, é plural, sendo entendida como “práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as práticas discursivas como as práticas não discursivas”.

Pesavento (2004) destaca que as “representações” podem ser vistas como “uma re-apresentação de algo que se encontra ausente no tempo e no espaço”. Assim, o pesquisador fará uma tentativa de leitura de outro tempo, que por vezes, poderá se mostrar incompreensível devido “aos filtros que o passado poderá impor”, mas que só se torna possível de acessar através de registros e sinais do passado que chegam até nós. Desta forma, a narrativa faz a articulação entre passado e presente, sendo possível, através da Memória reconhecer ou confirmar a autenticidade das lembranças (CHARTIER, 2000, p. 169).

A História e a Memória são narrativas que se propõem a fazer uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo, uma representação (PESAVENTO, 2004). Para Halbwachs (1990) existem dois tipos de memória: a individual e a coletiva, sendo a primeira agrupada em torno de uma pessoa definida e a segunda pode distribuir-se no interior de uma sociedade

grande ou pequena. A memória coletiva, “tira a sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de indivíduos, [...] que se lembram, enquanto membros do grupo”. Tais lembranças comuns se apóiam uma sobre a outra e não são as mesmas que aparecerão para cada um deles. Cada memória individual, por sua vez, “é um ponto de vista sobre a memória coletiva” que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa. Desta forma, o indivíduo participa de duas espécies de memórias, mas, ao participar de cada uma delas adota duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias, uma vez que, de um lado está vinculado a sua vida pessoal, e de outro, seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo evocando lembranças impessoais que interessem ao grupo.

Diante destas considerações sobre o campo teórico da História Cultural, destacando conceitos que foram utilizados para embasar as reflexões realizadas nesta investigação buscou-se, de forma a complementar alguns pontos, trazer também conceitos imprescindíveis ao estudo, relacionados ao campo teórico da História Oral.

A História Oral é descrita por Meihy (1996) como sendo um conjunto de procedimentos específicos iniciados na elaboração do projeto de pesquisa findando-se apenas com a devolução pública do trabalho. Para este autor, é em decorrência desta característica que se diferencia dos trabalhos com Fontes Oraís. Diante disso, Lang (1996, p.38) busca diferenciar a pesquisa com História Oral de pesquisas que fazem uso de Fontes Oraís. Para ela “o simples uso da entrevista, não configura a História Oral” e, da mesma maneira que Meihy (1996) destaca que o projeto de pesquisa é onde se deve especificar o uso da entrevista, bem como os objetivos da investigação. Estes, por sua vez, não devem ser pautados “no interesse em comprovar fatos, em acrescentar informações a documentação existente, nem mesmo atestar a veracidade dos relatos, mas conhecer a vivência e a versão/narrativa de determinado colaborador”.

A partir dos pressupostos acima descritos, pressupõe-se que o uso de entrevistas, em um projeto de História Oral, vai muito além da simples técnica de captação de depoimentos orais. Para Meihy (1996) a História Oral não é uma “mera prática de registros, arquivamentos ou substituição documental” é um conjunto de conceitos, ideias e preocupações, que estabelecem um *corpus* teórico próprio, diretamente relacionado com as suas práticas, tais como Memória e História, Oralidade e Escrita e Identidade. Holanda (2006) em concordância com Meihy

(1996) vê esta perspectiva de História Oral quando explora as relações entre memória, história, narrativas e texto, destacando que as narrativas são construções localizadas nos sujeitos.

Uma vez que a História Oral é, segundo Alberti (2005, p. 102), construída em torno de pessoas, fazendo uso de fontes orais (linguagem) para desta forma, criar fontes históricas (escritas), é a oralidade que permite à memória ser um vínculo de socialização e registro. Segundo Walter J. Ong *apud* Meihy e Holanda (2007) é importante notar as relações entre estes dois códigos, bem como a dinâmica que existe entre eles, ou seja, “se algo se inicia oralmente, passa para o escrito e depois é difundido novamente de forma oral para, eventualmente, ser outra vez vertido para o escrito”.

Efetivamente, o “fazer história oral”, situa-se na realização de entrevistas. Verena Alberti (2005) destaca que, no momento da entrevista, é ideal que “se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita que ambos, entrevistado e entrevistador, se engajem na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado”. Aliada a esta sugestão é importante destacar os conceitos de colaborador e colaboração, descrito por Meihy e Holanda (2007, p. 123). Para os autores:

Colaborador e colaboração não equivalem à informante e informação. Para a história oral, o resultado da colaboração e o sentido do colaborador em um projeto não se restringem às referências exatas de datas e fatos. Colaboradores são seres que ao narrar modulam expressões e subjetividades e a transparência disso é relevante aos exames decorrentes do texto estabelecido em análise com os demais.

No desenvolvimento de pesquisas com o método da História Oral, recorre-se a fontes primárias e secundárias para preparar, previamente, o roteiro necessário à realização das entrevistas. Estas, por sua vez, transformam-se em fontes para novas pesquisas. Cruzar fontes orais com outros tipos de fonte é, pois, parte integrante da metodologia (ALBERTI; PEREIRA, 2008). Desta forma, destacam-se a seguir, quais foram os procedimentos metodológicos que embasaram a coleta e tratamento das fontes e que foram essenciais para a análise das informações obtidas e posterior escrita final desta investigação.

2.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

No sentido de buscar uma versão ou mesmo uma narrativa (ALBERTI, 2012) acerca das primeiras aulas de Educação Física, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, encontrou-se na abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, de caráter histórico-documental, suporte para esta investigação. A construção deste estudo, por sua vez, se deu a partir de fontes históricas, de depoimentos orais de alunas da primeira turma de ensino desta instituição e de fontes iconográficas.

2.1.1 Coleta das fontes

De maneira inicial, foram relacionadas fontes históricas próprias da instituição de ensino em questão, o Colégio Nossa Senhora Aparecida, a saber: Registros de Matrícula do ano de 1937 ao ano de 1949; Relatório de Atividades [s.d.]; Lista da primeira turma de concluintes do Curso Ginásial e Histórico do Colégio [s.d.]. Paralelamente a coleta destas fontes realizou-se também a busca por outros materiais visando à revisão bibliográfica sobre o assunto: capítulos de livros que tratam da criação do município de Nova Prata, seus limites, população e administrações municipais; teses, dissertações, artigos acadêmicos relacionados com a história da Educação Física, com a sua inserção nas instituições de ensino, conteúdos ministrados por esta disciplina inicialmente, bem como com o seu papel na sociedade da época (1937-1949).

Para Bacellar (2005, p. 43) “na pesquisa em arquivos, todo e qualquer historiador deve, estar ciente do evoluir histórico de toda a estrutura da administração pública ao longo do tempo”. A partir disso, o autor destaca que, o pesquisador deve conhecer a história do documento a ser consultado, se apropriar da realidade durante a qual foi escrito, bem como saber por quem foi redigido e para quem foi redigido, ou seja, deve contextualizar o documento que coleta. Somente assim, estará apto a analisar e interpretar tais fontes.

Para além das fontes acima citadas e descritas, utilizou-se também, de forma a complementar a construção deste estudo, as fontes orais e as fontes iconográficas.

As fontes orais, segundo Alberti e Pereira (2008) “tem a característica de permitir o conhecimento de realidades sociais através da narrativa de histórias que condensam determinados significados sobre o passado”. Tais histórias, contadas durante as entrevistas, estão intimamente ligadas à memória e o seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação, uma vez que permite, também, a produção de um documento histórico. Além disso, a sua riqueza maior encontra-se na medida em que, a “evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1992, p. 42).

Diante destes pressupostos, foram realizadas dez entrevistas com alunas da primeira turma do Colégio Nossa Senhora Aparecida, ingressantes no ano de 1937 – ano de fundação do colégio e também ano do início das atividades educacionais. Como forma de seleção das entrevistadas, recorreu-se, inicialmente, aos registros de matrícula do Colégio, a fim de organizar uma rede de depoentes. Assim, no quadro abaixo são listados os dados das colaboradoras, protagonistas deste estudo:

Tabela 1 - Relação dos nomes e idades das colaboradoras do estudo

Nome	Ano de nascimento	Idade em 2012
Ady Izabel Tomedi	1931	81 anos
Albertina Sbroglia	1931	81 anos
Albina Leonilde Perin	1930	82 anos
Bacilide Colla	1924	88 anos
Cecília Assumpta Briani	1928	84 anos
Dileta Frison Wolff	1924	88 anos
Maria do Carmo Vieira Peruzzo	1921	91 anos
Maria de Lourdes Vieira Jacques	1927	85 anos
Nery Cherubini Lenzi	1928	84 anos
Zélia Colla Miletto	1930	82 anos

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta etapa da investigação surgiram dificuldades relacionadas ao reconhecimento das alunas, uma vez que, nos registros consultados constavam os nomes de solteira destas senhoras. Em decorrência disso, inicialmente, o número de colaboradoras relacionadas foi restrito. Outra dificuldade encontrada foi com relação às alunas que já haviam falecido ou que não estavam em condições físicas e/ou mentais de fornecer as informações solicitadas.

Após esta etapa inicial de localização das ex-alunas, fez-se o primeiro contato telefônico, com o intuito de explicar os objetivos da pesquisa, a metodologia empregada, os propósitos da investigação, além de destacar a relevância dos depoimentos orais para o enriquecimento e efetivação do presente estudo. Somente após a este contato inicial as entrevistas, propriamente ditas, foram agendadas.

De maneira inicial, não foi possível estabelecer um número exato de alunas colaboradoras, sendo este dado dependente da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, bem como da profundidade e o grau de recorrência e divergência das informações. Um ponto bastante positivo que posso destacar é que, a medida com que eram realizadas as entrevistas, as colaboradoras da pesquisa indicavam novos nomes oferecendo também o endereço de colegas que ainda mantinham contato. Com relação a isto, posso destacar o conceito de rede, descrito por Bott (1976) *apud* Duarte (2002) e que, de certa forma, foi empregado nesta investigação:

A rede é definida como todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular, ou um grupo está em contato. Trata-se, aqui, de uma “rede pessoal” na qual existe um ego focal que está em contato direto ou indireto, (através de seus inter-relacionamentos) com qualquer outra pessoa, situada dentro da rede. (Bott, 1976, p. 300-302 *apud* Duarte, 2002, p. 142).

O roteiro das entrevistas foi elaborado a partir do levantamento de fontes documentais primárias. Desta forma, elaborou-se um roteiro semi-estruturado, (APÊNDICE A) com questões que permitiram a entrevistada e a entrevistadora, dialogar sobre a fundação do colégio, sua estrutura física, administração, além é claro, sobre as aulas de Educação Física e as comemorações da Semana da Pátria. Ao final da entrevista, a colaboradora poderia dar informações que julgasse ser importantes para o andamento da investigação.

As entrevistas foram realizadas na residência de cada ex-aluna, sendo registradas através de uma mídia digital (gravador portátil). Depois de gravados, cada depoimento oral, foi produzido e processado contemplando os seguintes procedimentos metodológicos descritos por Alberti (2005): a) Transcrição da entrevista – caracterizando-se pela transcrição de forma literal do depoimento oral; b) Conferência de fidelidade – ouviu-se, novamente, a gravação, a fim de verificar se o que havia sido escrito correspondia com o áudio gravado; c) Copidesque – que

visou adequar o documento escrito à leitura, através de uma linguagem mais formal, mas sempre mantendo o sentido do conteúdo expresso pelas entrevistadas; d) Leitura final.

Após o processamento das entrevistas, estas foram devolvidas em linguagem escrita para a conferência das entrevistadas. Neste momento, as colaboradoras poderiam concordar ou não com a sua utilização no presente estudo. Após tal procedimento, assinaram um Termo de Consentimento Livre e esclarecido (APÊNDICE B) concedendo os direitos de divulgação do depoimento de caráter histórico e documental ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME). Desta forma, as entrevistas transcritas compõem o acervo documental do NEHME, localizado no Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Além disso, após ser avaliado, uma cópia do presente trabalho de conclusão de curso será entregue ao Colégio Nossa Senhora Aparecida, do município de Nova Prata ficando, desta forma, disponível para consulta, a todas as pessoas que se interessarem pela temática investigada. Assim, aqueles que colaboraram, de uma forma ou de outra, para a efetivação deste estudo também poderão ter acesso ao resultado final deste estudo.

Com relação aos nomes das entrevistadas, estes estão explícitos e todas concordam com a sua divulgação. Acredita-se também, que esta seja uma forma de reconhecimento por todas as informações fornecidas por elas. Sem estas contribuições a produção deste trabalho não teria sido possível. Foram as suas falas e suas histórias que deram vida a esta investigação, que a tornaram mais rica, uma vez que este é um registro de uma versão dos acontecimentos feito por pessoas que vivenciaram os fatos de dentro da instituição de ensino em questão.

Foi através do contato com estas ex-alunas que se teve acesso à grande parte das fotografias contidas na presente investigação. Estas imagens foram muito mais que fontes iconográficas, uma vez que fizeram com que inúmeras lembranças, relacionadas ao tempo de escola, brotassem no pensamento daquelas senhoras, trazendo o tempo passado de volta ao presente. Assim, à medida com que se conversava durante as entrevistas, várias histórias surgiam e, por diversas vezes, a emoção vinha à tona e a frase “Tempo bom aquele!”, era inevitável.

Assim sendo, utilizaram-se, como fontes de pesquisa, vinte e quatro fotografias. Para Sardelich (2006, p. 457), “ler uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada”. Diante disso, a referida autora destaca que os fotógrafos e mesmo os pintores “ajustam” a paisagem, bem como os cenários das imagens que produzem. Estas, por sua vez, visam um público específico, ou seja, são produzidas em detrimento do público a que se quer mostrar determinado fato ou cena.

2.1.2 Análise das fontes

As fontes documentais em questão foram submetidas à análise documental conforme procedimentos descritos por Pimentel (2001). Desta forma, inicialmente realizou-se a coleta das fontes objetivando encontrar documentos necessários à pesquisa. Após, seguiu-se a etapa de organização e fichamento das fontes sendo realizado, um levantamento de termos e assuntos recorrentes, bem como um quadro com informações de cada fonte, contendo título, data, número de página inicial e final, autor e observações. A terceira etapa foi a de análise ou tratamento dos dados, onde se objetivou interpretar as informações contidas nos documentos. Por fim, realizou-se o cruzamento das informações contidas nas fontes documentais levantadas.

Os depoimentos orais, por sua vez, foram submetidos à técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2000), visando captar as características e as informações dos depoimentos, constituindo, desta forma, uma análise temática. Para tanto, inicialmente, realizou-se uma leitura dos depoimentos separando-os em unidades de significado. Após, classificou-se cada categoria, agrupando seus respectivos dados conforme as questões que nortearam a presente investigação. Vale ser ressaltado, que a presença de afirmações contrárias não invalidou os depoimentos orais e que as informações utilizadas neste estudo, foram aquelas proferidas de forma sistemática pelas entrevistadas. Para além destas questões, os depoimentos orais também foram confrontados com as demais informações obtidas através das fontes documentais.

Com relação às imagens presentes neste estudo, pode-se afirmar que estas representam mais uma das possibilidades de descrever a realidade social e política

a qual a cidade de Nova Prata e o Colégio Nossa Senhora Aparecida estavam inseridos. Além disso, as fotografias buscam retratar qual era o contexto das primeiras aulas de Educação Física realizadas na referida instituição. Como destaca Sardelich (2006, p. 458), “mesmo que a imagem se constitua em uma realidade montada e/ou uma alteração dela [...] a imagem fixada não existe fora de um contexto, de uma situação”.

Assim, de forma a complementar a análise histórica das imagens, o olhar sociológico, por sua vez, se faz presente através da necessidade de se conhecer este contexto histórico-cultural em que a imagem foi produzida. Diante disso, utilizou-se uma análise sócio-histórica das fotografias, que em sua essência não busca olhar para a materialidade do objeto representado nas imagens, mas sim, dá ao pesquisador o livre arbítrio para intitular e interpretar as imagens conforme suas questões de pesquisa (MARTINS, 2008).

Cabe referir que as imagens aqui utilizadas foram intencionalmente intituladas procurando extrair o conteúdo principal conforme as demandas analíticas desta investigação. Os comentários provenientes das imagens e que aqui foram tecidos vão ao encontro das demais informações obtidas através da consulta e análise das distintas fontes de pesquisa aqui utilizadas e articuladas para a então escrita final desta investigação.

Diante destes pressupostos, esta investigação busca descrever como se constituíam as aulas de Educação Física, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, de Nova Prata/RS, no período de 1937-1949, a partir da análise de fontes impressas, orais e iconográficas, uma vez que estas trazem vestígios das práticas escolares e dos saberes que constituíram e delinearam a história educacional desta instituição.

3. O CONTEXTO PARA A EMERGÊNCIA DE UM COLÉGIO CONFSSIONAL: O MUNICÍPIO DE NOVA PRATA

O presente capítulo busca relatar alguns aspectos históricos do atual município de Nova Prata, abordando questões relacionadas à colonização desta região, bem como aspectos formativos e políticos que desencadearam sua emancipação do Município de Alfredo Chaves. Destacaram-se também questões relacionadas ao seu desenvolvimento político e econômico enquanto cidade. Além disso, procurou-se fazer uma contextualização histórica do município no período que abrange a presente investigação.

Antes de se tornar um município, as atuais terras de Nova Prata pertenciam, em partes a antiga Colônia de Alfredo Chaves¹, hoje município de Veranópolis e em partes eram terras particulares do Tenente Silvério Antônio de Araújo. Após a conclusão da Estrada Buarque de Macedo, no ano de 1883, foram demarcadas as linhas e os lotes rurais da região de Alfredo Chaves, a fim de atender as novas levas de imigrantes, que continuamente chegavam ao Estado (FARINA, 1986).

Farina (1986, p. 41), traz que o maior fluxo de imigrantes em direção a estas terras ocorreu entre os anos 1890 e 1892. Neste período, 9.196 imigrantes italianos e poloneses estabeleceram-se em Alfredo Chaves. Este movimento em direção a região aquém do Rio das Antas foi resultado da intensa expansão das colônias mais antigas, dentre elas, Caxias², Conde d'Eu³ e Dona Isabel⁴.

Os imigrantes italianos, advindos de penínsulas do norte da Itália, estabeleceram-se em um número maior. Estes imigrantes buscaram, inicialmente, a organização interna da comunidade e de suas próprias famílias. Além disso, tinham como ofício a agricultura, sendo plantadores de parreiras, cultivadores de trigo e, em sua maioria absoluta, católicos praticantes. Um fato que merece ser destacado é a

¹ A antiga Colônia de Alfredo Chaves foi fundada em 1884 e compreendia o território dos atuais municípios de Veranópolis, Nova Prata, Nova Bassano e Cotiporã. A extensão desta colônia e posteriormente do município de Nova Prata, fez com que surgissem ainda os municípios de Paraí, Nova Araçá, Ciríaco, David Canabarro, Marau, Putinga, Anta Gorda, Ilópolis, Arvorezinha, Guabiju e São Jorge.

² A antiga Colônia de Caxias foi fundada em 1875 e compreendia o território dos atuais municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Farroupilha e São Marcos.

³ A antiga Colônia de Conde d'Eu foi fundada em 1875 e compreendia o território dos atuais municípios de Garibaldi e Carlos Barbosa.

⁴ A antiga Colônia de Dona Isabel, foi fundada em 1875 e compreendia o território do atual município de Bento Gonçalves.

existência de rivalidade entre os imigrantes de diferentes regiões italianas. Isso dificultou, de maneira inicial, a inter-relação entre eles. Para além dos italianos, chegaram a esta região imigrantes alemães e poloneses (FARINA, 1986).

Os colonizadores de origem polonesa chegaram em um número expressivo, totalizando cerca de 2.100 imigrantes. Estes conservaram a língua polonesa, os hábitos, costumes e, acima de tudo, a religião católica. Esta característica conservadora com relação aos seus costumes prejudicou de certa maneira, a integração com os demais imigrantes. Assim como os italianos, eram na sua quase que totalidade, agricultores, e enfrentaram dificuldades relacionadas ao cultivo da terra, uma vez que o relevo serrano diferenciava-se muito das planícies polonesas. Além disso, estes imigrantes davam significativo valor à escolarização dos filhos. Assim, ao mesmo tempo em que construía capelas nas comunidades polonesas, edificavam, ao lado destas, uma escola, onde um colono polonês mais instruído ensinava os demais. Em decorrência deste costume, o número de analfabetos era bem menor entre os poloneses quando comparado aos imigrantes italianos (FARINA, 1986).

Os imigrantes alemães, por sua vez, formavam uma comunidade coesa e assim como os poloneses, conservavam o seu idioma de origem: a língua alemã, bem como os hábitos, costumes e a religião protestante. Com o passar do tempo integraram-se com os demais imigrantes e assim constituíram a população onde hoje é o município de Nova Prata (FARINA, 1986).

Para além dos italianos, poloneses e alemães, Farina (1986, p. 266), inclui os afro-luso-brasileiros no “mosaico colorido da comunidade pratense”. Para ele, os negros, semi-escravos que cuidavam das terras do Tenente Silvério Antônio de Araújo, chegaram à região antes mesmo dos italianos. Tempos depois, com a vinda dos primeiros comerciantes e exploradores de madeira, esta população se tornou maior em decorrência do trabalho em serrarias, tafonarias e lojas. Além disso, o autor destaca que esta parcela de imigrantes foi fator importante para a prosperidade, não apenas do patrão, como também do município que viria a se formar.

Silvério Antônio de Araujo era possuidor de uma grande extensão de terras e, por volta de 1889 doou uma colônia de terras subdividas em lotes para a formação de um novo povoado. O primeiro ato após o recebimento das terras foi iniciar a construção de uma Igreja de madeira. Em decorrência da doação das terras cabia a

Silvério Antônio de Araújo determinar em honra de que Santo a capela seria construída. Deste modo, fundou-se o Povoado São João Batista do Herval (FARINA, 1986; GALEAZZI, 1989).

Na fotografia abaixo, distinguida por uma flecha, destaca-se a primeira igreja do Povoado São João Batista do Herval, construída em madeira.

Figura 1- Primeira Igreja, construída em madeira, em meados de 1890.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Em 15 de Janeiro de 1898 a Colônia de Alfredo Chaves emancipou-se do município vizinho de Lagoa Vermelha e passou a ser Município de Alfredo Chaves. Nesta ocasião, o Povoado São João Batista do Herval passou a ter jurisdição política e foi anexado ao novo município, sendo o 2º Distrito e recebendo o nome de “Capoeiras”⁵ (GALEAZZI, 1989).

Na imagem abaixo se retrata a vista de Capoeiras, 2ª Distrito do Município de Alfredo Chaves. A data em que a imagem foi registrada não se sabe ao certo, entretanto, data-se do período de 1918 a 1922. Conforme consta nos documentos

⁵ Este povoado foi assim denominado devido a um vendaval que derrubou toda a mata da região, por volta do ano de 1870, ficando uma enorme clareira, onde somente nasceu vegetação rasteira. Por esta área, também passava a Estrada Buarque de Macedo, caminho importante para a ocupação da região Serrana do Estado.

consultados desta época e mesmo através da análise da imagem, percebe-se um número significativo de residências no Distrito de Capoeiras. Neste período, o Distrito havia iniciado a extração de madeira e estava se firmando economicamente.

Figura 2 - Vista do Distrito de Capoeiras entre os anos 1918 a 1922.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Em virtude da extração de madeira, o Distrito de Capoeiras progrediu muito e desta forma, surgiu entre a população o anseio de tornar-se sede de um município. Várias reuniões foram realizadas e uma comissão, constituída por senhores moradores do povoado, dirigiu-se por várias vezes à capital do Estado. A cada encontro com o Governador Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, novos documentos eram entregues com o objetivo de embasar argumentações em defesa da emancipação de Capoeiras. Nesses documentos a comissão de emancipação destacava as potencialidades econômicas, o número de habitantes, a agricultura intensamente desenvolvida e, principalmente o expressivo centro comercial que Capoeiras havia se tornado, destacando-se com mais de trinta estabelecimentos comerciais, tais como serrarias, carijos, olarias, moinhos, fábricas de carroças, fábricas de bebidas, curtumes e uma pequena fábrica de gaitas (FARINA, 1986).

Em 11 de agosto de 1924, o Governador atendeu as reivindicações, propondo, no entanto, a criação de apenas um município com a junção dos distritos

de Alfredo Chaves, sendo eles: Capoeiras, Nova Bassano e Vista Alegre. A proposta foi aceita, entretanto, Borges de Medeiros fez outra sugestão, relacionada ao nome do novo município. Assim, sugeriu que o nome escolhido, “Flores da Cunha”, fosse substituído por “Prata”, uma vez que o rio de igual nome banhava uma significativa extensão territorial do futuro município. O pedido do Governador foi atendido e para a administração provisória do “Prata” nomeou-se o primeiro Intendente Dr. Félix Engel Filho e o Vice-Intendente o Senhor Henrique Lenzi (FARINA, 1986).

Na imagem que segue, registrou-se a entrega das chaves ao novo Município do Prata, em uma Festa de Emancipação realizada no ano de 1924. Como se pode observar na imagem, as comemorações ocorreram no antigo Hotel Central, que se localizava na atual Praça da Bandeira. Sentado, bem ao centro da primeira fileira, está o Dr. Félix Engel Filho, tendo a sua direita o então Intendente de Alfredo Chaves, e a esquerda o Padre José Sansson, Vigário da Paróquia do recém-emancipado Município do Prata.

Figura 3 - Festa de Emancipação realizada no ano de 1924, no Hotel Central, do Município do Prata.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Na imagem seguinte, estão presentes os senhores que compuseram a primeira administração do Município do Prata. Da esquerda para a direita,

respectivamente, os Conselheiros Eugênio Bettio, André Carbonera, Umberto Simonato, Guilherme Stochmans, Professor Luiz Leduc, o Vice-Intendente Henrique Lenzi, o Intendente Dr. Félix Engel Filho e o Conselheiro Adolpho Schneider. Esta comissão administrou o município do ano de 1924 ao ano de 1928.

Figura 4 - Primeira administração do Município do Prata (1924-1928).



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Subsequente a esta administração, em 15 de setembro de 1928, o Coronel Virgílio Silva tornou-se o novo Intendente do Prata. Juntamente a ele assumiu como vice-intendente o Sr. Adolpho Schneider e os Conselheiros Henrique Lenzi, Emílio Cerri, Luiz Marafon, Domingos Todeschini, Fernando Luzzatto, Heitor Tarasconi e Humberto Simonato. A administração de Virgílio deu continuidade ao trabalho desenvolvido pelo Dr. Félix Engel Filho, dando atenção ao melhoramento de algumas estradas no interior.

No período em que Virgílio administrou o Prata, importantes mudanças ocorreram no cenário Federal. Em 03 de outubro de 1930, iniciou o Movimento Revolucionário, que culminou com o fim do governo de Washington Luis e a ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República. Em decorrência destes fatos, caíram os governos dos Estados e o cargo de Intendente foi extinto. Getúlio Vargas nomeou o General Flores da Cunha Inventor do Estado do Rio Grande do

Sul e deu a ele a liberdade de nomear os Prefeitos Municipais. Desta forma, em 1º de dezembro de 1930, o Coronel Virgílio Silva confirmou-se na administração municipal e assim tornou-se o último Intendente e o primeiro Prefeito do Município do Prata (FARINA, 1986).

Ao mesmo tempo em que ocorriam mudanças no cenário Federal, o progresso do município do Prata era notório. Abaixo, destaca-se uma fotografia da vista do município do Prata, no ano de 1930. Em meio a vales e pinheiros percebe-se um número significativo de casas, algumas delas residências familiares outras, centros comerciais. Além disso, é possível perceber também a presença de pequenas lavouras próximas de algumas casas, costume este trazido com os imigrantes italianos, alemães, poloneses e afro-luso-brasileiros.

Figura 5 - Vista do Município do Prata no ano de 1930.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Em 1º de março de 1931, o Coronel Virgílio Silva precisou afastar-se do cargo por motivo de grave doença, sendo substituído, provisoriamente por seu irmão, o capitão Antônio da Silva até a nomeação oficial de outro prefeito. Em 10 de agosto de 1931, o General Flores da Cunha, nomeou Oscar da Costa Karnal para assumir o cargo de confiança. Karnal permaneceu no Prata até 7 de novembro de 1932, quando foi transferido para o município de Lageado, onde prestou serviços ao

inventor do estado. Apesar de ter permanecido por um período pequeno à frente do município, enfrentou algumas dificuldades de cunho político (FARINA, 1986).

Dentre as dificuldades enfrentadas por Karnal, destaca-se a Tomada de Guaporé, decorrente do Movimento Revolucionário de 1932, também chamado de “Movimento Constitucionalista”. Este movimento tinha por objetivo a derrubada do Governo Provisório de Getúlio Vargas e defendia a promulgação de uma nova Constituição no Brasil. O Município do Prata, frente a estes embates, declarou fidelidade a Getúlio Vargas, entretanto, um pequeno grupo de Guaporé não era favorável a tal situação (FARINA, 1986).

Ciente dos acontecimentos no município de Guaporé, o General Flores da Cunha buscou ajuda no Prata. Karnal, por sua vez, prontamente atendeu ao pedido do Interventor do Estado e aumentou de oito para vinte homens o efetivo da Guarda Municipal. Após pequeno treinamento, este grupo marchou rumo à Guaporé. Como destaca Farina (1986, p. 121), não houve embates entre a força do Prata e os revoltosos de Guaporé, uma vez que estes eram em pequeno número e após saberem da ida da força do Prata à Guaporé, fugiram para Encantado.

Ao fazer-se uma retomada deste trecho da história do Prata, julga-se pertinente destacar o que de positivo tal feito ocasionou ao município. Após a “Tomada de Guaporé”, o Interventor do estado, General Flores da Cunha, em 24 de outubro de 1932, baixou o Decreto nº 5.127, incorporando ao Prata os distritos de Nova Araçá, Paraí e Protásio Alves. Estes distritos, por sua vez, pertenciam ao município de Lagoa Vermelha. É importante pensar que, em um período de apenas oito anos, o Distrito de Capoeiras emancipou-se de Alfredo Chaves, tornou-se Município e incorporou a sua configuração territorial e administrativa três distritos. Percebe-se assim que, importantes avanços aconteceram neste tempo, tanto na questão formativa do município, como também em setores comerciais, que passaram a movimentar ainda mais a economia da cidade.

Com a transferência de Karnal, o General Flores da Cunha, nomeou o Dr. Mário Difini, em sete de novembro de 1932. Advogado de profissão, Difini permaneceu no cargo por onze meses, deixando o cargo em 30 de setembro de 1933. No curto período em que ficou à frente da administração municipal debruçou-se sobre as questões de divisas dos novos distritos incorporados ao Prata (FARINA, 1986).

Adolpho Schneider assumiu o comando do Prata em 1º de outubro de 1933 e permaneceu até 15 de março de 1946. Sempre muito presente nos trâmites políticos que envolveram o município, participou como membro atuante da Comissão Emancipatória, sendo, por vezes, relator nos processos pró-criação do município, foi Membro do Conselho Municipal de 1924 a 1928 e participou da tomada de Guaporé em 1932. Por tudo isso, foi condecorado com o título honorário de “Capitão da Guarda Provisória do Prata” (FARINA, 1986).

O Capitão Adolpho Schneider governou o município a base de decretos e atos. Com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, apenas três prefeitos gaúchos foram confirmados no poder: Adolpho Schneider, do Prata, e mais os prefeitos de Vacaria e São Leopoldo. Este fato confirmou o prestígio político que Adolpho Schneider tinha também nas altas esferas do poder Estadual e Federal.

Com relação aos seus feitos enquanto administrador do Prata, destacou-se a construção da represa e casa das máquinas da Cascata da Usina entre os anos 1936 e 1937. Esta hidroelétrica passou a fornecer luz e energia elétrica para uma centena de casas e também para algumas indústrias do Prata. Anteriormente a construção da Usina, o Prata só dispunha de luz elétrica em algumas dezenas de casas, provindas de um gerador particular. Para além da Cascata da Usina, em 1941 foram iniciadas as obras de construção da nova Prefeitura Municipal. O prédio foi concluído e inaugurado em 07 de setembro de 1944, com a presença do então Governador do Estado, Dr. Ernesto Dornelles, que governava como Interventor. Este prédio ainda hoje comporta a administração municipal (FARINA, 1986).

Abaixo, destaca-se uma imagem do dia da Inauguração da Prefeitura Municipal do Prata, no ano de 1941. Por ter ocorrido no dia 07 de setembro, a Inauguração aconteceu juntamente com as comemorações da Semana da Pátria. Havia um significativo número de pessoas no local e percebe-se também a presença, principalmente, de alunas do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Estas estavam uniformizadas, com saia até os joelhos e blusa branca, posicionadas em colunas, em frente da Prefeitura Municipal.

Figura 6 - Inauguração da Prefeitura Municipal do Prata,
no dia 07 de setembro de 1941.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

No ano de 1945, por Lei Federal, o nome do Município precisou ser alterado uma vez que, no Estado de Minas Gerais, já existia um município com o mesmo nome. Desta forma, o município mais antigo detinha o direito de permanecer com o nome escolhido. Assim, ao município do Prata do Rio Grande do Sul, foi acrescentado o adjetivo “Novo”. Ficando assim chamado de Nova Prata (FARINA, 1986).

A realidade do município, entre os anos de 1937 e 1949 foi relatada também por ex-alunas do Colégio Nossa Senhora Aparecida, através de depoimentos orais. As falas dessas senhoras foram muito além de questões administrativas e políticas. Ao discorrerem sobre Nova Prata, lembrando os tempos de escola, o passado veio à tona e riquíssimas memórias brotavam no imaginário daquelas senhoras. Nas suas falas, algumas questões emergiram e, por isso, julgo importante destacá-las nesta investigação. Uma delas é a inter-relação existente entre as famílias residentes no município na época. De fato, a população de Nova Prata era pequena, todas as famílias se conheciam e grande parte, possuía algum parentesco. A proximidade destas famílias, segundo os depoimentos, pode ser entendida de duas formas distintas. Se por um lado o convívio era mais natural e mais próximo sendo, desta forma, benéfico, por outro, este mesmo convívio, por vezes, se tornava

invasivo. Desta forma, não faltavam boatos relacionados a um ou ao outro nas esquinas do município:

Não era como hoje, lógico [...] Mas era bem administrado. As famílias todas se conheciam, era quase todo mundo parente [...] Os Cherubini, os Peruzzo, os Cherri. Tinha muita fofoca também [risos], quando a cidade é pequena um sabe da vida do outro [risos]. Não sei se não era melhor naquela época ou agora. Claro, não vamos comparar o progresso de agora com o de antigamente. [...] Era mais calmo. Tinha cinema, mas era pequeno (ELIAS, 2013, p.10).

Neste mesmo período, 1937-1949, algumas medidas colaboraram para que houvesse ainda mais integração e convívio social na comunidade de Nova Prata. No ano de 1948, por exemplo, inaugurou-se o primeiro campo de futebol do município. Este, sem dúvidas, foi um importante espaço de lazer, uma vez que os jogos de futebol passaram a ser mais frequentes e as pessoas se reuniam no local para assistir e torcer. Além disso, este espaço foi também influenciador na criação de equipes ou mesmo de pequenos grupos de pessoas que passaram a se organizar para a prática futebolística naquele espaço.

Na imagem abaixo destaca-se o dia da Inauguração do Campo Municipal, em 1948. Como se pode perceber, havia um grande número de pessoas presentes, prestigiando o novo espaço de lazer do município. Em sua grande maioria eram homens, entretanto, nota-se também a presença de algumas mulheres.

Figura 7 - Inauguração do Primeiro Campo Municipal de Futebol, no ano de 1948.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Outro espaço de convívio social foi Inaugurado no ano de 1949. Apesar de existir desde 06 de Janeiro de 1932, a Sociedade Grêmio Pratense inaugurou a sua sede social apenas em 1949. Esta associação surgiu a partir do desejo de um grupo de senhores que se reuniam, semanalmente, após as missas dominicais. Anteriormente a inauguração da Sede, o local de encontro dos senhores do Grêmio Pratense, era o Salão 03 de Outubro. Na imagem a seguir retrata-se a recém inaugurada Sede da Sociedade Grêmio Pratense.

Figura 8 - Sede da Sociedade Grêmio Pratense no ano de 1949.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Na imagem abaixo se registrou o interior do Clube no dia da Inauguração. No momento da fotografia estava acontecendo um baile em comemoração à nova Sede. No palco, além da banda que animava a festa estava posicionada a bandeira do Clube. Da mesma forma que no Campo Municipal, a Inauguração do Grêmio Pratense também contou com um expressivo número de pessoas, as quais lotaram a pista de dança.

Figura 9 - Festa de Inauguração da Sede Social da Sociedade Grêmio Pratense em 1949.



Fonte: Acervo Histórico do Museu Municipal Domingos Battistel.

Para além de tais questões, nos depoimentos orais ressaltou-se também a calma presente no município na época. A insegurança com relação a assaltos ou mesmo vandalismo não existia. As falas enfatizaram a brincadeira livre na rua, os encontros durante as noites de verão, o chimarrão nas calçadas e até mesmo as portas e as janelas abertas durante a madrugada:

Aqui era mais tranquilo, éramos mais livres, não tinha assalto, às vezes nós dormíamos com as janelas abertas. Nas noites de verão sentávamos nas calçadas até tarde para conversar e não tinha perigo nenhum. [...] Nova Prata era uma cidade calma. Tudo bem que tinha um quarto da população que tem hoje, mas era muito calmo. Eu me lembro, às vezes, nós brincávamos na rua, ao redor das casas, nos escondíamos e nada acontecia. Hoje tem que se cuidar (NADIM, 2013, pg. 07).

Por vezes, emergiram em algum depoimento questões relacionadas à infraestrutura do município. Muitas alunas moravam em bairros distantes do Colégio Nossa Senhora Aparecida e precisavam se deslocar até ele, na maioria das vezes, a pé. Algumas destacaram a companhia de colegas para irem juntas ao Colégio.

Outras, contaram que os pais só as deixavam ir estudar, se um dos irmãos mais velhos as acompanhasse. Entretanto, a maior dificuldade relacionava-se aos dias de chuva, uma vez que, as ruas que precisavam percorrer para ir até o centro da cidade, eram de chão batido e quando chovia, na maioria das vezes, ficavam intransitáveis:

As estradas para ir até o colégio eram de chão batido, então quando chovia, era puro barro, não tinha calçamento como agora. Nós sofriamos para ir até o Colégio. Mas nós aproveitávamos, porque em dias de chuva era certo que nós não íamos à aula. Nós ficávamos em casa também, quando estava doente a mãe ou a avó, avô, porque eles nos chamavam. Eles não viam que nós queríamos ir ao colégio (FRISON, 2013, p. 7).

No trecho destacado acima, o ato de estudar é encarado de duas formas distintas, por pessoas em posições também diferentes. De um lado estão as alunas que davam importância ao ensino, que gostavam de ir à escola. Do outro estão os pais, avós, avôs que, colocavam a educação como opção secundária na rotina diária de seus filhos(as) e/ou netos(as). Assim, as crianças só poderiam ir à escola se não houvesse nenhuma outra função doméstica ou tarefa a ser realizada em casa.

De fato, naquela época, ter a oportunidade de frequentar uma escola era fator de distinção social e uma parcela pequena da população tinha esta oportunidade. Esta época, o município de Nova Prata estava em constante progresso, principalmente com a administração de Adolpho Schneider. Este, por sua vez, deu também uma significativa contribuição às questões educacionais do município. Durante a sua administração deu atenção especial à educação, valorizando o ensino municipal, público e particular. Desta forma, criou diversas escolas municipais e passou a subvencionar as escolhinhas particulares dos poloneses (FARINA, 1986).

Em decorrência desta realidade e contando com o apoio administrativo de Schneider, a população e principalmente o Padre Luiz Mascarello renovaram o anseio de levar ao município um Colégio dirigido por religiosas. Este desejo tornou-se concreto no ano de 1937, com a criação do Colégio Nossa Senhora Aparecida.

4. DO ANSEIO À CONCRETUDE: A CRIAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA

Neste capítulo procura-se destacar aspectos históricos relacionados à fundação do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no município de Nova Prata, enfatizando sua trajetória como instituição educativa no período de 1937 a 1949, o qual este estudo se propôs a investigar. Além disso, são destacadas questões relacionadas aos saberes mobilizados por esta instituição de ensino, especialmente por meio dos depoimentos orais de ex-alunas que vivenciaram este espaço em determinado momento de suas vidas.

A presença dos católicos nos meios escolares é fato marcante para a história da Educação no Brasil. Inicialmente, a atuação da Igreja Católica na Educação se deu com os jesuítas e após, a partir do século XX, com as Ordens e Congregações religiosas estrangeiras. Esta última fez a rede de ensino católica crescer significativamente uma vez que, no período em que se instalaram no país, importantes mudanças estavam ocorrendo no catolicismo. Assim, chegaram ao Brasil:

Os Padres da Missão - Lazaristas, os Frades Capuchinhos e as Filhas da Caridade - o ramo feminino da obra de São Vicente de Paula. Os Jesuítas também retornaram após terem sido expulsos em 1789 pelo Marquês de Pombal. E mais tarde vieram outros, como as Irmãs de São José de Chambery, os Salesianos, Dominicanos, Carlistas, Missionários do Coração de Maria, Irmãos Maristas entre outros (FURTADO, 2002, p. 2).

Neste período de mudanças no catolicismo passou-se também a dar mais atenção a educação feminina, uma vez que, a classe dirigente brasileira, em aliança com a ala conservadora da Igreja Católica proporcionou a vinda de Congregações religiosas femininas para se encarregar da instrução das jovens de elite (FURTADO, 2002). A vinda de tais congregações religiosas européias proporcionou a instalação de vários colégios, que se espalharam por todo o Brasil (AMARAL, 2003). Dentre eles o Colégio Nossa Senhora Aparecida, de Nova Prata/RS.

A história do Colégio Nossa Senhora Aparecida, se inicia anteriormente a década de 1930. Havia muito tempo o Padre Luiz Mascarello vinha tratando da criação de um colégio de irmãs, no município de Nova Prata e para que seu desejo

fosse atendido, organizou um grupo de senhoras que, empolgadas com o ideal, também passaram a sonhar com um colégio dirigido por religiosas. Assim, de forma a materializar este anseio, a Congregação do Imaculado Coração de Maria aceitou o novo encargo. Desta forma, no ano de 1937, foi fundado o Colégio Nossa Senhora Aparecida.

A Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria foi fundada pela Irmã Bárbara Maix, no dia 8 de maio de 1849, no Rio de Janeiro. Natural de Viena, na Áustria, Bárbara embarcou para o Brasil devido à perseguição religiosa de 1848 que ocorreu em seu país. A situação sócio-político-cultural-religiosa de Viena era de tensão e conflito pela difusão das idéias liberais, provindas da Revolução Francesa. Em decorrência disso, irrompeu em Viena a revolução Josefinista, sendo contrária às Ordens Religiosas, expulsando, desta forma, a Irmã Bárbara e suas companheiras. Inicialmente, pretendiam estabelecer-se na América do Norte, entretanto, enquanto aguardavam, no Porto de Hamburgo, aportou um barco com destino ao Brasil. Bárbara entendeu ser esta a vontade de Deus e decidiu partir no dia 15 de setembro de 1848 (Histórico da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria [s.d.]).

Já no Brasil, Bárbara encontrou um contexto de escravidão. Além disso, percebeu aos poucos a nova ordem mundial que se estabeleceu: o capitalismo e o liberalismo, advindos com o advento do operariado. Assim, a indústria acelerou e marcou a história como a era da industrialização. Entretanto, nada disso impediu a Irmã Bárbara de dedicar-se à educação de meninas e a dar assistência às jovens desempregadas, sendo esta sua principal inspiração para a criação da Congregação.

Abaixo, destaca-se uma fotografia da Madre Maria Bárbara, fundadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Esta imagem faz parte de um quadro da primeira turma de concluintes do Curso Ginásial, do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1949. A imagem da Madre está em destaque no quadro, estando posicionada, no canto superior direito, sendo a homenageada da referida turma. Este quadro permanece no Colégio, exposto em um dos corredores.

Figura 10 - Imagem da Madre Maria Bárbara da Santíssima Trindade.



Fonte: Acervo particular da autora.

As atividades no Colégio iniciaram de fato, no dia 24 de fevereiro de 1937, quando chegaram ao município de Nova Prata as primeiras Irmãs da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Com o intuito de assumir questões administrativas e educacionais da nova instituição de ensino, chegaram, inicialmente, a Madre Florência do Coração de Maria - Superiora, a Irmã Maria Flávia da Sagrada Paixão e a Irmã Maria Cândida de São José (Histórico do Colégio, [s.d.]). O espaço que foi cede dos primeiros anos letivos do Aparecida foi descrito por uma ex-aluna: “O colégio era no mesmo local que é agora, mas era em uma casa de madeira, grande, comprida. Antes de ser o colégio, naquela casa funcionava uma exatoria e outras repartições” (NADIN, 2013). Além de destacar sua estrutura física, as alunas relembrou o ambiente interno do colégio:

Eu me lembro que o Colégio Aparecida eram duas casas, não sei se te falaram? [...] Eu estudei na parte de cima, naquela casa de cima, depois eu desci na outra e a sala de aula era uma mesa enorme, quer dizer, duas mesas onde era o refeitório também. Não tinha espaço, eram muitos alunos e não tinha sala suficiente. Então, era uma mesa com bancos dos dois lados, então, era aquela bagunça. Eu me lembro que nós entrávamos na outra sala, onde tinha a Madre

Florência e tinha a capela. Seguidamente nós íamos para o castigo, porque era uma bagunça (MILETTO, 2013).

Era uma sala grande de madeira, as classes também eram de madeira. O refeitório era em uma sala também, tinha três ou quatro mesas, era bem grande (JACQUES, 2013).

Diante dos registros documentais consultados e através dos depoimentos orais de alunas da primeira turma do Colégio, constatou-se que as atividades educacionais desta instituição de ensino aconteceram em um espaço construído, inicialmente, para servir como residência. Após certo tempo, transformou-se em local administrativo e, posteriormente, veio a se tornar cede do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Apesar destas mudanças relacionadas à utilidade deste local, o espaço estrutural em si, permaneceu o mesmo. Esta questão pode ser reafirmada através de um dos trechos do depoimento de uma ex-aluna: “Ah, eu me lembro da capela. Era aconchegante, porque era no meio do colégio, sabe? E não tinha muito banco, me lembro. As salas de aula eram peças de uma casa assim, até porque era uma casa, os bancos eram muito bons, compridos (ELIAS, 2013).

Na imagem abaixo, registrou-se um dos momentos da Inauguração do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1937. Apontada com a flecha, visualizamos a casa de madeira, de dois andares, onde foram realizadas as aulas nos primeiros anos letivos desta instituição educativa.

Figura 11 - Inauguração do Colégio Nossa Senhora Aparecida no ano de 1937.



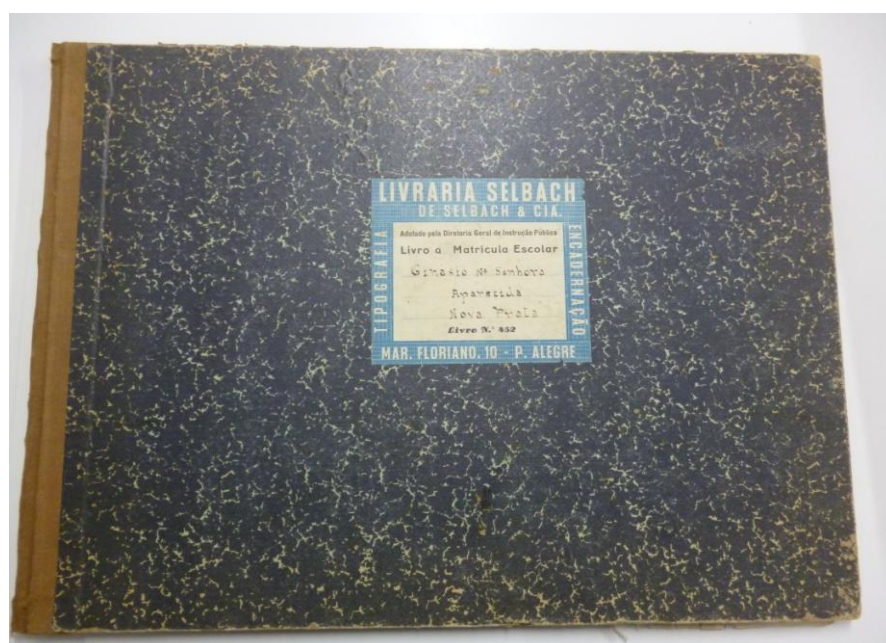
Fonte: Acervo pessoal de ex-aluna.

O primeiro ano letivo do Colégio teve início no dia 1º de março de 1937, contando com 156 alunos matriculados, conforme registro de matrícula da instituição. Deste total, seis eram alunas internas, ou seja, permaneciam no colégio por tempo integral. Esta possibilidade de ser aluna interna foi oferecida desde o primeiro ano letivo, uma vez que era grande o coeficiente de meninas que residiam em outras cidades e que se deslocavam à Nova Prata somente para estudar. Uma das colaboradoras do estudo destacou a presença de meninas de outros municípios no internato:

O internato era só de meninas. Tinha gurias de Guaporé, ali do André da Rocha, bastante, de Lagoa Vermelha, do Paraiá [...]. Isso que tinha internato em Nova Bassano também [...]. Não tinham tantas mudanças como agora. Eu estudei do primeiro ao sétimo ano, mas não teve mudanças, até o professor, era sempre o mesmo (LENZI, 2013).

Abaixo, destaca-se uma imagem do primeiro livro de matrículas do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Foi neste livro que se pôde ter acesso aos registros de matrícula dos primeiros anos letivos desta instituição, sendo de extrema importância para a realização deste estudo.

Figura 12 - Primeiro livro de matrícula do Colégio Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: Acervo particular da autora.

Um ponto que merece ser destacado é a questão da matrícula que, desde o primeiro ano de funcionamento do Colégio, aceitava-se o ingresso de meninos e meninas. Além disso, nenhuma das aulas ministradas separava-se os alunos por sexo, com exceção das aulas de trabalhos manuais, as quais eram oferecidas apenas para as meninas. Este é um ponto bastante curioso, uma vez que, segundo Amaral (2003) a co-educação, entendida como sendo a prática que atendia conjuntamente meninos e meninas, era bastante combatida pelos educadores e moralistas católicos. A Igreja considerava ser um erro perigoso para a educação cristã o chamado método de co-educação, uma vez que, a familiaridade entre os sexos poderia proporcionar a promiscuidade, facilitando a “eclosão de más paixões, de fatos imorais e de incidentes sentimentais”.

Um tempo após o início das atividades no Colégio, no dia 29 de abril de 1937, chegaram mais duas Irmãs, Giselda e Melânia, com o intuito de auxiliar nas atividades educacionais. Como o número de alunos era bastante significativo, no dia 24 de outubro do mesmo ano chegou também a Irmã Cláudia, sendo esta responsável pelas aulas de pintura. Uma das ex-alunas, colaboradora do estudo, destacou as aulas de trabalhos manuais, lembrando-se também do nome de suas professoras, inclusive da Irmã Cláudia, professora de pintura:

Sim, mas no Colégio nós tínhamos também bordado, a Irmã Flávia era a professora de bordado, a Irmã Cláudia que era professora de pintura, a Irmã Niqueta que era professora de corte e costura, isso era o que fazíamos durante a tarde, porque de manhã íamos para as aulas. De noite, após a janta, nós tínhamos uma hora de recreio, íamos para a aula de bordado ou pintura e depois, no máximo às nove horas, tinha que ir dormir (JACQUES, 2013).

Ao final do ano, no dia 14 de dezembro, realizaram-se os exames finais com uma banca examinadora. No dia 19 do mesmo mês realizou-se o encerramento do ano letivo com exposição dos trabalhos manuais que foram feitos pelas alunas durante o ano letivo. Esta mostra de trabalhos manuais passou a ser marca registrada do Colégio, sendo repetida ao final de cada ano letivo. Nas falas das senhoras colaboradoras destacam-se as atividades manuais desenvolvidas na escola, como evidencia o depoimento de uma aluna: “Elas ensinavam pintura, bordado, bordado a máquina, bordado à mão, frivolité, elas ensinava tudo. E as gurias se interessavam, agora mudou muito. Não se interessam mais por isso. Como

a gente fazia aquilo com amor! Aquilo sim, a gente fazia mesmo com amor (LENZI, 2013). Para a entrevistada citada abaixo, os saberes foram significativos para sua vida pessoal: “Eu aprendi a bordar com a irmã e bordei todo o meu enxoval. Eu tenho ainda uma toalha que fiz pintura à mão. Mas, no bordado, não poderia fazer um nó que aparecesse” (PERIN, 2013).

Os trabalhos manuais também eram uma forma de se ter uma ocupação no contra turno das aulas para, desta forma, não ficar em casa sem ter o que fazer:

Porque tu não ias ficar sem fazer nada todo o dia, por isso todo mundo costumava ir. Daí tu escolhias. Eu, por exemplo, fui aprender a bordar a máquina, fui aprender piano, era o que tinha na época para ti aprenderes, entende? (ELIAS, 2013).

Em trabalhos manuais era diferente, porque só ia para a escola à tarde quem queria, não era obrigado a ir. Você estava matriculada para ir durante a manhã no colégio e de tarde eram aulas diferentes. Então, para a minha mãe era bom que a gente fosse fazer trabalhos manuais porque aí nós ficávamos ocupadas (TOMEDI, 2013).

Não, tu escolhias. De manhã e à tarde. Nós íamos todos os dias, não era obrigatória, quem queria, ia. Eu fazia bordado, pintura, frivolidé, nós aprendíamos muita coisa [...]. Eu me lembro que nós fazíamos exposições de bordado. Tinha exposições. Isso eu me lembro. E os trabalhos manuais tinham que ser perfeitos, a irmã passava uma por uma, era uma coisa controladinha. Mas, foi bom o nosso tempo também, mesmo na própria amizade com as colegas, era uma coisa sadia, sabe? [...] Nós éramos uma turma bem unida, todo mundo se dava bem, ninguém era diferente de ninguém (MILETTO, 2013).

Estes trabalhos manuais aprendidos na escola adentraram as casas destas ex-alunas. Assim, por diversas vezes, durante a realização das entrevistas, toalhinhas, lençóis, lenços eram retirados de gavetas e exibidos, com muito orgulho. Além disso, inevitavelmente surgiam histórias que faziam aquelas senhoras viajarem de volta ao passado por alguns segundos.

O que se pode perceber é a influência que o Colégio teve sobre os comportamentos aprendidos e reproduzidos na sociedade na qual estas ex-alunas estiveram inseridas. Ao se lembrarem das aulas de pintura e bordado reproduziram em seu cotidiano as habilidades da Irmã professora. Dessa forma, torna-se possível perceber esta interferência das atividades escolares em suas atividades profissionais ou em sua vida pessoal revelando as influências da Instituição Educativa além dos muros da escola.

Para além destas questões, o número de alunos do Colégio Nossa Senhora Aparecida crescia a cada ano letivo. No Histórico do Colégio, traçou-se de maneira sucinta o número de alunos dos anos letivos que mais se registraram matrículas, desde a sua fundação, em 1937, até o ano 1947:

Em 1º de março de 1938 iniciou-se o ano letivo com 109 alunos matriculados, aumentando para 148 no decorrer do ano letivo. Neste ano, o internato hospedava 10 meninas pensionistas. O ano de 1938 foi encerrado em dia 14 de dezembro com 140 alunos. Em 1º de março de 1939 reiniciaram as atividades com 155 alunos, atingindo ao final do ano letivo 220. Encerrou-se o período letivo em 14 de dezembro. Seis alunos concluíram o sexto ano do curso elementar. Aos 17 dias de dezembro encerrou-se o ano letivo com entrega de prêmios e diplomas pelo Prefeito Sr. Adolfo Schneider e com exposição de trabalhos manuais. No dia 02 de março de 1942 teve início o ano letivo com 230 alunos matriculados. No ano de 1947 o Colégio Nossa Senhora Aparecida atingiu 300 matriculados (Histórico do Colégio Nossa Senhora Aparecida, [s.d.]).

Em decorrência deste crescente número de alunos matriculados a cada ano, as instalações do Colégio já não eram mais suficientes para atender a toda esta demanda. Diante disso, em 26 de dezembro de 1942, por ocasião da visita da Superiora Geral Madre M^a Imilda do Santíssimo Sacramento, decidiu-se dar início a construção de um novo edifício, para assim melhor acomodar o número de alunos.

No início do ano seguinte, em 1943, a Irmã Apolônia foi até comunidade para pedir donativos para a construção do novo edifício, que teve início no mês de fevereiro. Com relação às doações feitas pela comunidade em geral e principalmente pelos pais de alunas do Colégio, destaco dois trechos dos depoimentos orais de ex-alunas:

Agora eu não me lembro direito se foi em 1941 ou 1942. Quando construíram o edifício novo do Colégio, eu já não estava mais lá, estava em casa. Mas, mesmo assim, a Irmã Apolônia veio aqui em casa pedir auxílio. O pai deu, naquela época, 1 conto de réis, para construir o novo colégio. Até tinha o retrato dele e da mãe lá, depois não sei o que fizeram, quando passaram para a faculdade (JACQUES, 2013).

Meu pai doou uma quantia. Até na capela, tinha um vitral com o nome do pai. Meu pai ajudava muito a capela assim [...]. Todos os pais ajudavam, todos. Ajudavam mesmo o colégio e queriam que as irmãs permanecessem também (LENZI, 2013).

Além do auxílio dado pelos pais e comunidade geral, no dia 04 de abril de 1943, juntamente com a bênção solene à Pedra Fundamental da nova escola realizaram-se rifas e jogos em benefício da construção da nova escola. Aos 19 dias do mês de novembro de 1944, realizou-se a bênção e inauguração do novo edifício.

Abaixo é destacado o novo edifício do Colégio Nossa Senhora Aparecida inaugurado no ano de 1944. Este prédio passou a comportar um maior número de salas de aula, sendo estas também mais amplas. Além disso, o espaço destinado ao internato ampliou-se, bem como o local do refeitório e da capela.

Figura 13 - Inauguração do novo edifício do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1944.



Fonte: Acervo de ex-aluna.

Na imagem abaixo, retrata-se os fundos do novo Colégio. Assim, percebe-se um amplo pátio que possibilitava o desenvolvimento de inúmeras atividades, dentre elas as aulas de Educação Física. Vale ser ressaltado, que este edifício permanece assim até os dias atuais.

Figura 14 - Vista dos fundos do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1944.



Fonte: Acervo de ex-aluna.

O novo prédio de dois andares foi construído de forma retangular, contendo salas de aula, pátios e área de recreação. Estas salas de aula eram divididas conforme seu público: alunos menores, alunos maiores e pensionistas. Essa disposição espacial tem forte conotação, refletindo também, em sua estrutura física, um sistema de valores reguladores, tais como ordem, disciplina, controle e vigilância. A localização do Colégio também transmite uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores, uma vez que se localiza, estrategicamente, ao lado da Igreja Matriz do município, constituindo, desta forma, um importante núcleo religioso e educacional. Além disso, o rigor com que a educação fora tratada nesta época pode ser percebido por características destacadas pelas ex-alunas em seus depoimentos orais. Alguns trechos destacam características físicas das salas de aula que ajudavam a formar este espaço disciplinar:

Nas salas, tinha uma parte, como se fosse a persiana, mas era até metade da janela. Nós não conseguíamos enxergar lá fora. Isso eu lembro que tinha. Nós tínhamos que gostar, porque os pais nos obrigavam a ir (NADIM, 2013).

As janelas eram fechadas, com cortinas e não conseguíamos enxergar nada lá fora, era uma cortina colada no vidro, não tínhamos como abrir. Era assim (JACQUES, 2013).

Depois a sala era toda com aqueles bancos compridos, ela ficava na frente e dava as ordens [...]. Tinha cortina no vidro, não podíamos

olhar para fora. Elas cuidavam e nós tínhamos que respeitar, “bota respeito” que tinha que ter (LENZI, 2013).

Após a inauguração do novo edifício, realizou-se um retiro no Colégio Nossa Senhora Aparecida, em 1944. Abaixo, destaco uma fotografia tirada em frente das novas instalações do Colégio, a qual registra o encerramento da atividade.

Figura 15 - Retiro realizado no ano de 1944 no Colégio Nossa Senhora Aparecida.

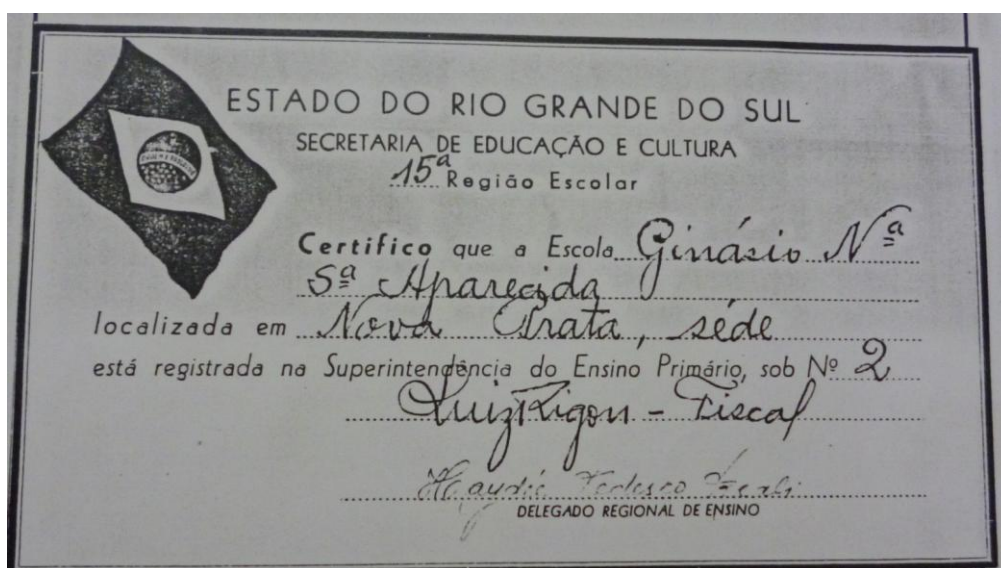


Fonte: Acervo pessoal de ex-aluna.

As novas instalações sinalizaram uma “nova fase escolar” no Colégio Aparecida. Desta forma, atendendo aos pedidos do Prefeito Adolfo Schneider, do Vigário Padre Adolfo Fedrizzi e da comunidade, a Madre Geral deu andamento à oficialização do Ginásio Nossa Senhora Aparecida. Assim, aos 15 dias do mês de março de 1946, inaugurou-se solenemente o Curso Ginasial do Colégio Nossa Senhora Aparecida.

Abaixo, trago a imagem do documento oficial que registrou o Ginásio Nossa Senhora Aparecida, na Superintendência do Ensino Primário, vinculado a 15ª Região Escolar.

Figura 16 - Registro do Curso Ginásial do Colégio Nossa Senhora Aparecida, no ano de 1946.



Fonte: Acervo do Colégio Nossa Senhora Aparecida.

No dia 15 de agosto de 1946 foi realizada a inauguração oficial do Ginásio Nossa Senhora Aparecida. Realizaram-se festejos com novena, missa e jantares. A inauguração procedeu-se a partir da leitura dos documentos de inauguração pelo Bispo Dom José Baréa.

O corpo docente, por sua vez, já havia sido registrado antes mesmo da oficialização do Curso Ginásial no Aparecida. Em fevereiro de 1945, a Madre São Félix e Irmã Lunila de Porto Alegre foram até o município para encaminhar o Registro do Corpo Docente do colégio, sendo registrados os professores e disciplinas, conforme quadro que segue abaixo:

Tabela 2 - Corpo Docente registrado em 1945.

Nome	Disciplinas ministradas
Padre Vigário Adolfo Fedrizzi	Latim, Francês, História Geral e História do Brasil
Irmã Maria Teolide	História do Brasil, Geografia Geral e Ciências Naturais
Senhora Irnês Macuco Schneider	Português, Matemática e Desenho
Dr. Paulo Brasil Muza	Português, Latim, Francês, Inglês
Senhora Carime Elias	Trabalhos Manuais, Economia Doméstica, Música
João Callego	Educação Física do Ministério, Educação e Saúde

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste mesmo ano, 1945, foi nomeada também a primeira Diretora do Ginásio, a Revda. Madre Florência do Coração de Maria. Também nesta data, foi fundada a “Sociedade de Amigos do Ginásio Nossa Senhora Aparecida” tendo por finalidade amparar moral e materialmente o novo Ginásio. Assim, foi proclamada, unanimemente, a diretoria do ano de 1946, listada no quadro que segue:

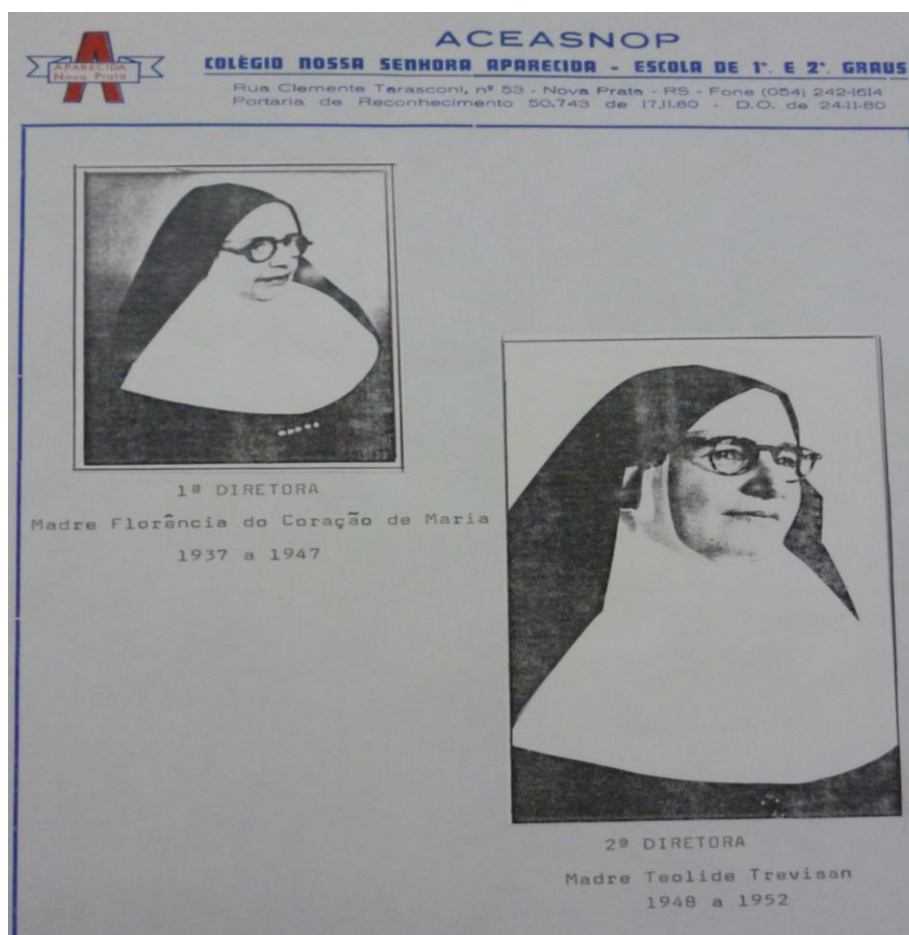
Tabela 3 - Diretoria da Sociedade de Amigos do Ginásio Nossa Senhora Aparecida registrada em 1945.

Presidentes de Honra	Capitão Adolfo Schneider
	Reinaldo Cherubini
	Padre Adolfo Fedrizzi
Presidente Efetivo	Atílio Pezzalo
Vice-Presidente	Ermindo Cherubini
1º Secretário	José Cherubini
2º Secretário	Luiz Antônio Rigo
1º Tesoureiro	Carlos Tarasconi
2º Tesoureiro	Adriano Carbonera

Fonte: Elaborado pela autora.

No ano de 1948 assumiu a Direção do Ginásio a Rvda. Madre Maria Teolide de Jesus Sacramentado em substituição a Rvda. Madre Maria Florência do Coração de Maria. Abaixo, destaca-se uma imagem em que estão presentes as duas primeiras diretoras do Ginásio Nossa Senhora Aparecida. A Rvda. Madre Maria Florência do Coração de Maria assumiu a direção do Colégio desde a sua fundação, em 1937 até o ano de 1947, a Rvda. Madre Maria Teolide de Jesus Sacramentado, por sua vez, assumiu a direção em 1948 e permaneceu à frente da instituição até o ano de 1952.

Figura 17 - As duas primeiras diretoras do Colégio Nossa Senhora Aparecida, Rvda. Madre Maria Florência do Coração de Maria e Rvda. Madre Maria Teolide de Jesus.



Fonte: Documentos do Colégio Nossa Senhora Aparecida.

No dia 08 de dezembro de 1949 realizou-se a 1ª solenidade de formatura do Curso Ginasial do Colégio Nossa Senhora Aparecida, com missa e bênção dos

anéis e da bandeira do Ginásio. A noite houve entrega dos Certificados no Clube Grêmio Pratense. Nesta ocasião, formaram-se 24 alunos, sendo eles: Atilio Peluso, Clery G. Ferreira, Cléria Ferreira, Dulce M. Oppermann, Deia T. de Deus, Gibrail Nedeff, Gemma Mattei, Isolmira A. Pletsh, Maria T. Carbonera, Maria T. Guidini, Marlene P. Rodrigues, Maris Valduga, Myriam Zamin, Maria da Luz Vieira, Noelly de Lima, Nady O. Bortolozzo, Ottarino Ponzoni, Palmira Mesomo, Reni F. Zardo, Roquita Cherubini, Theresinha da Fonseca, Valdeci de S. Bezerra, Vera T.M. Meier, Zolema Pagnoncelli.

Na imagem abaixo, está em destaque o quadro, ainda hoje exposto em um dos corredores do Colégio, contendo a fotografia e o nome de cada um dos formandos do Curso Ginásial de 1949. No quadro encontram-se também a fotografia e o nome dos paraninfos e homenageados da turma, bem como a imagem da Madre Maria Bárbara da Santíssima Trindade, criadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria e a homenagem póstuma a Clóris Maria Lenzi.

Figura 18 - Quadro comemorativo à formatura da primeira turma no ano de 1949.



Fonte: Acervo particular da autora.

As irmãs proporcionavam aos alunos do Colégio Nossa Senhora Aparecida um ensino fundamentado em uma proposta pedagógica em que a instrução e a educação religiosa, moral e cívica se fundiam. Os princípios ético-religiosos estavam imbricados nas atividades curriculares. Dessa maneira, o currículo escolar da instituição era composto tanto por disciplinas escolares quanto pelas práticas educativas, como por exemplo, os trabalhos manuais. Os relatos orais de ex-alunas possibilitaram compreender como era o ensino das Irmãs na época em que estudaram na instituição, destacando o ensinamento de valores, bem como de hábitos e costumes que permanecem presentes em suas vidas. Segue o depoimento de três alunas:

Olha, eu achava um ensino muito bom, por ser naquela época. Basta dizer que eu terminei o primário aqui e fui estudar no Bom Conselho em Porto Alegre. Mas, naquela época, tinha que fazer o teste de admissão, que seria como um vestibular hoje. Eu passei não me lembro se foi em primeiro ou terceiro lugar. Eu tinha dificuldade no português, por causa do sotaque italiano aqui da região, mas em matemática, eu achava o ensino uma beleza. Claro, não tinha todos os conhecimentos que tem hoje, lógico, mas eu achei o ensino uma beleza, muito bom mesmo. A formação que elas deram para nós, eu achei uma maravilha, tanto formação religiosa como tudo e nós tínhamos uma porção de opções, porque elas ensinavam pintura, piano. Tinha uma porção de coisas boas, bordado, tricô, entende? Eu, por exemplo, estudei piano, claro que aqui, elas não tinham a conclusão do ensino de piano, tu aprendias até o terceiro ano, quarto e, para mim eu achei excelente o colégio aqui [...]. O ensino, eu achava ótimo. Isso que eu acho que as irmãs, não deviam ser muito preparadas porque naquela época, claro que tinha faculdade e tudo, mas eu acho que nenhuma das que estavam ali tinham feito faculdade. Naquela época, tinha muita maldade, muita malícia, tudo era pecado sabe? A mínima coisa que tu fizesses era pecado, tínhamos que ir até o Padre confessar, isso elas incutiam em nós (ELIAS, 2013).

Até nas salas de aula, que era aula da Madre, de curso superior, naquela época não era como agora. Estudavam sem ter anos definidos, estudava-se o que dava durante o ano, daí fazíamos uma série, duas, três, quatro todas em um mesmo ano. Então, a turma mais instruída que tinha que era mais adiantada, eram os alunos da Madre, tinham apenas três gurus na sala [...]. No Salão Santo Antônio, onde eu ia, era onde funcionava o terceiro ano, quer dizer, o que seria terceiro ano do primário agora. Lá eu fazia as quatro operações, um pouquinho de história, de geografia, eram coisas mínimas (JACQUES, 2013).

Eu estudei no Colégio Aparecida dois anos e meio. Colégio bom, as irmãs muito queridas, eram da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria (PERUZZO, 2013).

Como já destacado anteriormente, o Colégio desde a sua fundação, ofereceu a possibilidade de alunas permanecerem na instituição em regime de internado. Ao optarem por serem internas, elas poderiam escolher entre duas opções: serem apenas internas com o objetivo de hospedagem, permanecendo no Colégio até concluírem seus estudos ou serem Juvenistas escolhendo, desta forma, seguir na vida religiosa juntamente com as Irmãs. Uma das ex-alunas, que era interna, destacou o valor pago, naquela época, para poder permanecer no internato do Colégio: “A pensão não era muito cara assim, o internato como eu estava era 66 mil réis naquela época, não era o cruzeiro e nem o real, era o antigo mil réis” (JACQUES, 2013).

Para além das alunas internas e das Juvenistas, existia a categoria de alunas meio-internas. Estas permaneciam no colégio durante o dia todo, de manhã e à tarde, no entanto, voltavam para casa à noite. Existia também a categoria das alunas que precisavam ficar no internato, mas que não tinham condições de custear a sua estada lá. Assim, uma das formas de pagamento, implementada pelas Irmãs, era por prestação de serviço. De fato, todas as meninas internas tinham suas obrigações dentro do Colégio e se revezavam na realização das atividades, no entanto, estas meninas que não pagavam a mensalidade, auxiliavam sempre e em troca ganhavam o direito de permanecer na instituição por tempo integral, sem custo algum. Esta questão pode ser melhor compreendida através do depoimento de uma das ex-alunas:

Ah, tinham as alunas que eram “meia internas”, porque elas ficavam no colégio o dia todo, de manhã e a tarde, à noite elas iam para casa. Daí nós [alunas internas] tínhamos semanas. Em uma semana, uma turma auxiliava, na outra semana, outra turma. Íamos nos revezando até todo mundo ajudar. Fora dessas, tinham aquelas que não pagavam o colégio, aquelas não tinham semanas, tinham que ajudar sempre (JACQUES, 2013).

A grande maioria das meninas que permanecia no internato residia em municípios vizinhos, entretanto, havia meninas de Nova Prata que também permaneciam integralmente no Colégio, voltando para suas casas apenas nos finais de semana. As alunas internas de outras cidades, por sua vez, passavam meses sem voltar para suas casas, sem ver suas famílias. Naquela época, o deslocamento era muito difícil, existiam poucos carros e para alugar um carro o custo era muito

alto. Estes fatos foram destacados por ex-alunas internas do Colégio, em alguns trechos de seus depoimentos orais:

Fiquei, naquela época, até nas férias de julho, que eram quinze dias. Fiquei lá. Porque para voltar para casa, tinha que alugar um carro para ir me buscar, mas aqui para esses lados não tinha aluguel de carros. Naquela época ou tu ias e voltavas a cavalo ou permanecias no Colégio (JACQUES, 2013).

Ah, os pais que escolhiam onde iríamos estudar. Eles conversavam com os pais de outras meninas. Tinha um internato em Nova Bassano também, fiquei dois meses lá. Mas, não me dei bem, porque era um clima muito frio e resolvi ir para Nova Prata. O pai me perguntou onde eu preferia ir, daí eu falei que queria ir para Nova Prata. Tinha várias coleguinhas lá e tudo [...]. Meus pais sempre moraram aqui, em André da Rocha, a uns dois quilômetros daqui, na fazenda [...]. Ia para casa só nas férias. Mas era difícil, o transporte naquela época, não tinha. Não tinha essa facilidade como hoje (PERUZZO, 2013).

Olha tinha muitas meninas do campo, campeiras, porque, como dizem o internato era uma necessidade, porque às vezes, elas queriam estudar e não tinham onde ficar. Hoje em dia é diferente, alugam apartamento e tudo, é diferente. Mas, naquela época não, então, tinha muitas meninas campeiras, aqui da cidade, não tinham muitas (ELIAS, 2013).

O internato localizava-se no 2º andar do Colégio em uma sala bastante ampla. As alunas internas dormiam no mesmo espaço, mas cada uma tinha sua cama. No entanto, a ala das Irmãs era separada por cortinas. Esta organização do internato dentro do espaço escolar foi lembrado por alunas internas e externas, durante seus depoimentos orais. Desta forma, destaca-se abaixo, o trecho de alguns deles:

O Pensionato era em uma sala grande e cada uma tinha a sua cama. [...] Todas dormiam no mesmo lugar. Só as irmãs que não, elas dividiam com cortinas o lugar delas. [...] Era na parte de cima do Colégio que tinha o Pensionato. Na escola mesmo. Embaixo eram as salas de aula e em cima era o pensionato. E a capela é aquela que faz frente para o lado do pavilhão [ginásio atual]. É a última porta do colégio, agora (PERIN, 2013).

As irmãs para um lado e as internas para o outro. As gurias não podiam ir ao refeitório das irmãs, não podiam ir aos quartos das irmãs, era tudo separado (LENZI, 2013).

Essa minha amiga do André da Rocha era interna. Eu conheci onde era o internato, era em uma sala enorme, com umas quantas camas.

Tinham várias meninas internas, eu me lembro. Às vezes, nós escapávamos da aula e subíamos lá, a escada era ao lado da nossa sala, eu me lembro bem, da construção toda. Eu comecei estudando na parte de cima e terminei na parte de baixo (MILETTO, 2013).

A rotina das alunas internas era diferente da dos alunos externos, ou seja, daqueles que frequentavam o Colégio apenas durante as aulas. Para as internas, o dia começava às 6h30min da manhã. Em jejum, iam para a missa. Após, voltavam ao colégio, tomavam café e iam para a aula, que iniciava às 8 horas. Após o almoço, participavam das aulas de trabalhos manuais. À noite, após a janta, tinham uma hora de recreio, participavam de outra aula de trabalhos manuais e, no máximo às 21 horas, tinham que ir dormir. Já os alunos externos, chegavam ao colégio para o início das aulas, às 8 horas da manhã. O que se pôde perceber em decorrência disso é que aquele imponente prédio do Colégio Nossa Senhora Aparecida tinha em seu interior também as divisões do tempo. Tempo para comer; tempo para rezar; tempo para fazer a higiene; tempo para ir à missa. Isso pôde ser observado também no decorrer das entrevistas:

Naquela época, nós levantávamos às 6 horas, nos arrumávamos para ir à missa das 7 horas, quer dizer, era às 6h30minutos a missa, depois voltávamos e tomávamos café. As turmas ajudavam, por exemplo, uma semana uma turma ajudava na arrumação do colégio, cuidava do refeitório, cuidava das salas de aula (JACQUES, 2013).

Levantávamos às 6h30min, íamos à missa. Depois voltávamos, tomávamos café e estudávamos. Cada uma tinha a sua semana de trabalho, então lavava a louça, limpava o refeitório. Na aula ficávamos até o meio dia. Tínhamos uma hora de recreio, intervalo (PERUZZO, 2013).

Nós entrávamos às 8 horas e saíamos ao meio dia [...] Durante a tarde, nós bordávamos, as irmãs ensinavam a bordar (COLLA, 2013).

A escola é um lugar de formação, de integração e de socialização. Ao mesmo tempo em que é um lugar de ensino e de aprendizagem é também lugar de controle e de disciplina. A maneira como as irmãs administravam o Colégio também foi lembrada pelas senhoras, ex-alunas da Instituição. Ao passo em que relatavam questões relacionadas ao rigor das Irmãs, concordavam que o ensino em si precisava ser daquela forma. Entendiam assim, que a educação transmitida pelas Irmãs detinha o ensino e o rigor na medida certa, que havia um equilíbrio entre eles.

Por diversas vezes relembrou os castigos aplicados, mas também se lembravam os motivos que levavam a tal ação: “Elas eram rigorosas, mas eu acho que eram o que deveriam ser [...]. Elas mantinham a ordem, isso sim. Qualquer coisa que fizéssemos fora de hora, daí sim, recebíamos castigo. Mandavam ficar em pé, ou não nos deixavam ir para o recreio, qualquer coisa assim” (JACQUES, 2013).

Alguns trechos dos depoimentos das ex-alunas nos permitem melhor compreender a forma como as irmãs optaram por educar seus alunos:

A Irmã Florência dava aula também! E que braba que ela era. “Meu Deus do céu” tinha uns quantos guris que eram “medonhos”. Ela nos colocava de castigo, trancava a porta e ia almoçar, por causa da bagunça dos guris. Nós ajudávamos claro, imagina se nós ficávamos quietas [risos]. Ela mandava nós fazer 100 ou 200 frases também, como forma de castigo pelas bagunças que fazíamos (PERIN, 2013).

A Irmã Flávia, que dava aula de bordado ela era nervosa, se não fazíamos como ele pedia, bem feito, ela ficava brava. Nós tínhamos medo, mas ao final das contas, aprendemos [...]. A Madre Florência, essa sim era a mais brava. “Mama mia” (FRISON, 2013).

Tinha alunos de várias idades [...]. Na nossa sala de aula, mais ou menos, eram todos com idades parelhas. E nossa professora era a Madre Florência, enérgica, para manter a ordem [...]. O rigor também era sempre o mesmo [...]. E tinha os castigos [risos]. Elas nos colocavam sentadas na escada, aquela que ia para o dormitório e tínhamos que escrever frases [risos]. Não é igual agora, mas elas davam o castigo (LENZI, 2013).

Para além destas questões, as ex-alunas destacaram outras maneiras de rigor adotadas pelas Irmãs. Uma delas era a rigidez com que era tratada a vestimenta das meninas para irem à missa, como destacou uma das colaboradoras: “No domingo que íamos à missa [...] nós não podíamos ir pintadas, com fita no cabelo, porque a irmã Generosa dizia que íamos à Igreja para olhar os rapazes. Então, eu me lembro de uma ocasião, que nós nos arrumamos, colocamos fita no cabelo para irmos à Igreja. Quando nós estávamos descendo a escada, para formar a fila [...] ela fez todas as que estavam arrumadas, com fita [...] produzidas para ir à Igreja, voltar, tirar a fita e se despentear” (ELIAS, 2013).

Outra forma utilizada pelas Irmãs para manter a ordem do Colégio relacionava-se às crenças religiosas difundidas por elas. Assim, o respeito e a adoração aos santos, a Jesus Cristo e a Nossa Senhora Aparecida principalmente, adentravam a porta das salas de aula e passavam a fazer parte também das lições

de sala de aula: “É, atrás da Igreja nos reuníamos, mas também fazíamos muita bagunça. Era um horror. Depois íamos para o castigo, porque naquela época o negócio era assim, eu cansei de ir à capela com os braços abertos para ir rezar. Cansei de fazer isso. Nós tínhamos uma turma que eram...Vou te contar [...]. Eu me lembro que nós tínhamos turmas, então a professora, essa irmã Generosa, era muito de manter a ordem e quando nós fazíamos bagunça na aula ela saía, fechava a porta e dizia assim: calma, silêncio, que agora vai passar Nossa Senhora (MILETTO, 2013).

Para além das questões já descritas, o cuidado das irmãs com relação às alunas pensionistas também foi lembrado pelas senhoras entrevistadas. Assim destacaram que as irmãs sentiam-se responsáveis pelas meninas que permaneciam em tempo integral na instituição de ensino e que, qualquer que fosse o motivo para estas meninas saírem do pensionato, primeiramente, pedia-se autorização aos pais: “As freiras eram muito rígidas. Para nós levarmos as colegas para a nossa casa no domingo, por exemplo, almoçar, tinha que ter licença dos pais, caso contrário, elas não deixavam” (TOMEDI, 2013).

A presença do Colégio no município de Nova Prata teve especial relevância devido ao fato de ser a primeira instituição de ensino a oferecer o curso primário e a funcionar em regime de internato. Desta maneira, atendeu a inúmeras educandas, que residiam em locais distantes de difícil acesso suprimindo assim, esta necessidade. Além disso, ao tentar retratar brevemente nesse texto, a história e as memórias do Colégio, compreendeu-se melhor a sua inserção em um determinado tempo e espaço, bem como a transcendência de seus ensinamentos para fora dos muros escolares.

Para além destas questões, o Colégio foi mais do que um espaço escolar, uma vez que proporcionou uma prática pedagógica voltada para a formação integral de seus alunos. Através de suas disciplinas curriculares e práticas educativas proporcionou inúmeros aprendizados que tiveram especial importância na formação de cidadãos. A rotina da escola era composta por ritos, participação em festas cívicas, em atividades culturais dentre outras que faziam parte do ideário modernizador da época. Relacionado a estas comemorações, destaca-se uma disciplina que teve grande importância neste contexto, a Ginástica, a qual desempenhou papel primordial na educação dos alunos daquela época, transmitindo valores relacionados à ordem, ao respeito e ao amor à pátria.

5. DA GINÁSTICA AO ESPORTE: O MOVIMENTO GINÁSTICO EUROPEU E SUA INSERÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Neste capítulo apresenta-se, de forma breve e sucinta, o desenvolvimento dos Métodos Ginásticos europeus, bem como a inserção destes no contexto brasileiro. Posteriormente é destacada a inserção da Ginástica nas instituições de ensino do Brasil e a sistematização de um Método Ginástico Nacional.

O século XIX é o principal ponto de partida para se entender algumas das questões primordiais relacionadas à Ginástica. Neste tempo, na Europa, mais especificamente na França, a burguesia estava se consolidando como Estado e Classe Social, refletindo, assim, na formação de outra esfera na sociedade: a classe operária. Em nome da manutenção do poder, a burguesia sentiu necessidade de criar um “novo homem”, para assim, suportar uma nova ordem política, econômica e social. Desta forma, a Ginástica surgiu estando vinculada a educação “física, mental, intelectual e social” daquela realidade (SOARES, 2007).

Neste tempo, em que o Capitalismo progrediu a passos largos, ocorreu também uma deterioração das cidades, tanto do ponto de vista estrutural como social. Assim, em meados do século XIX, a alta burguesia incorporou a seu discurso, mais uma vez, a Ginástica, sendo ela capaz de promover a assepsia social, de viabilizar uma educação higiênica e moralizadora de hábitos. O pensamento médico higienista que brotou desde então, viu o núcleo familiar como um importante meio de intervenção para reorganizar a classe operária. Desta forma, foram três as medidas que representaram um melhor controle do estado sobre a população, a saber: a extensão da escolarização primária, os serviços de saúde e a prática da Ginástica. Em razão disso, a Ginástica ganhou destaque no século XIX por seus conteúdos voltados ao corpo biológico, individual, que tinham por intuito moralizar a sociedade, além de melhorar e regenerar a raça (SOARES, 2007).

Juntamente a estas políticas de saúde, com expressões higienistas e sanitaristas, a Escola, como Instituição, complementou a construção do homem burguês. Nesta perspectiva, a Ginástica foi rapidamente vista como uma possibilidade “educativa” para a população, sendo pensada como um instrumento pedagógico com atuação dentro das Escolas – instituição que se universalizou na Europa, nos fins do século XIX. Desta forma, pedagogicamente, a Ginástica deveria

ensinar a alinhar os corpos para que os movimentos fossem os mais precisos, ritmados e ordenados possíveis. Assim, tornou-se uma técnica de educação para o corpo, ensinando a igualdade de gestos e os ritmos necessários à vida cívica, urbana e fabril (SOARES, 2007).

Entretanto, foi a partir do ano de 1800, que a Ginástica foi sistematizada em “métodos” na Europa. Tais Métodos Ginásticos ou Escolas Ginásticas eram diferentes formas de encarar os exercícios físicos sendo nomeados conforme o país de origem. Assim, oficializaram-se, inicialmente, os métodos da Alemanha, Suécia, França e Inglaterra. Posteriormente, essas diferentes formas de praticar Ginástica foram sistematizadas em outros países, fora do continente Europeu, como por exemplo, no Brasil (SOARES, 2009).

Igualmente a França, a Alemanha também buscou meios de educar o homem universal. Em 1774, Johan Bernard Basedow, pedagogo alemão, criou um estabelecimento de ensino, o *Philantropinum*, que objetivava formar cidadãos tornando-os mais aptos a vida útil. No estudo de Accioly *apud* Soares (2007), é destacado que Basedow, figura como sendo o pedagogo que criou a primeira escola dos tempos modernos, onde os alunos provinham de diferentes camadas sociais. Além disso, afirma-se que *Philantropinum* foi a primeira instituição de ensino a incluir a Ginástica no currículo, no mesmo plano das chamadas “matérias teóricas ou intelectuais”.

De fato, a Ginástica Alemã teve como precursor Basedow, entretanto, encontrou em Guts-Muths, um idealizador de seu projeto. Johan Bernhard Basedow (1723-1790) era professor de filosofia, do ensino primário e desejava uma escola onde os exercícios, físico e mental, fossem tratados igualmente, possibilitando aos jovens, uma educação integral. Guths Muths, por sua vez, é considerado o pai da Ginástica Pedagógica moderna, pois acreditava que esta prática era construída a partir de bases científicas devendo, desta forma, ser ministrada todos os dias, a homens, mulheres e crianças (SOARES, 2007). Para tanto, estabeleceu grupamentos de exercícios metodológicos, divididos em oito grupos: saltos, marchas, arremessos, lutas, trepar, equilibrismo, levantar e transportar e exercícios de ordem (MARINHO, 1980).

Outro idealizador da Ginástica Alemã foi Ludwig Jahn, que reforçou o caráter militar da Ginástica bem como as perspectivas de saúde e moral. Em suas formulações práticas, Jahn criou obstáculos artificiais, os quais, mais tarde, viriam a

se tornar os aparelhos de ginástica. O Método de Jahn ganhou respaldo da classe dirigente, reforçando ainda mais o caráter militar e patriótico de sua Ginástica denominada de “*Turnen*” (SOARES, 2007).

A Ginástica Escolar Alemã, por sua vez, foi esquematizada por Adolph Spiess, que a dividiu em Exercícios Livres - sem aparelhos, treinando membros superiores e inferiores; Exercícios de Suspensão - barras, paralelas e cordas; Exercícios de Apoio - apoio propriamente dito, suspensões e balanceamentos e Ginástica Coletiva - marchas e exercício ou ordem unida (MARINHO, 1980).

A sistematização da Ginástica Sueca ocorreu no início do século XIX. Este Método Ginástico esteve voltado para o combate dos vícios da sociedade, dentre eles o alcoolismo. Em sua essência se colocava como um instrumento capaz de criar indivíduos fortes, saudáveis, livres de vícios e somente preocupados com a saúde física e moral, dedicando-se ao trabalho e a pátria. Pehr Henrick Ling, idealizador da Ginástica Sueca, propõe um método impregnado de nacionalismo e com a finalidade de regenerar um povo. Baseava-se na ciência e dividia a Ginástica em quatro partes:

Ginástica Pedagógica ou Educativa - aquela que todas as pessoas, independente de suas diferenças, podiam praticar; Ginástica militar – deveria incluir a ginástica pedagógica, acrescida de exercícios militares, como tiro, esgrima, a fim de preparar o guerreiro patriota; Ginástica Médica e ortopédica – também deveria estar baseada na ginástica pedagógica, visando eliminar vícios ou defeitos posturais e curar enfermidades; Ginástica estética – baseada na ginástica pedagógica procurando desenvolver de forma harmônica o organismo, sendo completada pela dança e movimentos suaves que proporcionassem beleza e graça ao corpo (SOARES, 2007).

Devido à grande influência de Ling, na Suécia, as instituições de ensino foram obrigadas a dedicar um local para a prática de exercício físico, bem como nomear professores especialistas para ministrá-la (MARINHO, 1980).

Na França, a Ginástica desenvolveu-se na primeira metade do século XIX, baseada nos ideais alemães de Jahn e Guth Muths, contendo assim um forte traço moral e patriótico. Este Método integrou a idéia de uma educação voltada para o desenvolvimento social e por isso não foi organizada somente à militares, mas a toda população, para assim, formar um homem completo e universal (SOARES, 2007).

O fundador da Ginástica Francesa foi D. Francisco de Amoros y Onderaño, espanhol, nascido em Valencia, mas que, após vários insucessos políticos, retirou-se para a França, naturalizando-se cidadão Francês. Assim, abandonou a política e passou a se dedicar à Educação Física. Em 1819, contando com o apoio do governo, conseguiu um terreno para a construção da Escola Normal Civil e Militar de Ginástica. Em 1823 publicou o “Manual de Educação Física, Ginástica e Moral”, em dois volumes, com um anexo contendo desenhos de todos os aparelhos, máquinas e instrumentos utilizados (MARINHO, 1980).

Amoros defendeu a Ginástica Francesa como sendo capaz de prolongar a vida, alcançar a saúde e, conseqüentemente, melhorar a espécie humana. Assim, classificou-a em quatro tipos: civil e industrial, militar, médica e cênica ou funambulesca. Os exercícios propostos visavam o desenvolvimento da força física, destreza, agilidade e resistência, características estas, importantes para as lutas em defesa da pátria e também para o trabalho fabril (MARINHO, 1980). A partir de 1850, a Ginástica de Amoros passou a integrar os currículos de todas as escolas primárias sendo obrigatória às escolas normais. As aulas eram dadas por suboficiais do exército, uma vez que não se tinham pessoas especializadas para tal função (SOARES, 2007).

Os métodos aqui, brevemente caracterizados possuíram, de fato, algumas diferenças em suas formas práticas, entretanto, foram orientados para o desenvolvimento físico e da saúde. A prática da Ginástica nos diferentes países da Europa fez nascer o grande movimento denominado de “Movimento Ginástico Europeu”, destacando-se pelo seu olhar ordenativo, disciplinador e metódico. Com o passar dos anos, tais métodos foram disseminados para além da Europa, chegando a diversos países, como no Brasil.

No Brasil, desde o século XIX, houve manifestações relacionadas à Educação Física. Estas, por sua vez, relacionavam-se às instituições militares, sendo conduzidas também por caminhos higienistas, os quais visavam à melhoria da saúde e da higiene dos brasileiros. Assim, favorecendo a educação do corpo, objetivava a constituição de um físico saudável e equilibrado, sendo desta forma, menos suscetível às doenças. Em razão do grande contingente de escravos negros no país, havia uma preocupação nos meios políticos e intelectuais, também com a eugenia, uma vez que parcela significativa da população poderia gerar uma desqualificação da raça branca (PICCOLI, 2006).

No contexto educacional, no ano de 1877, o ensino da Educação Física, ou da “ginástica” como era denominada, foi previsto, inicialmente, para as escolas de 1º grau. Apesar disso, o seu ensino não foi considerado obrigatório até os três primeiros anos da promulgação do regulamento para que, desta forma, os professores pudessem se habilitar no ensino dessa disciplina (PICCOLI, 2006). Para além de tais questões, pode-se afirmar que o principal acontecimento deste período, relacionado à Ginástica⁶, foi o parecer de Rui Barbosa (*1849 +1923), membro da Comissão de Instrução Pública.

Tal parecer relacionava-se ao Projeto nº 224, expedido no ano de 1882. Este Parecer se referia à Reforma Leôncio de Carvalho, oficializada pelo Decreto n. 7247, de 19 de abril de 1879, que recebia o título de “Reforma do Ensino Primário e Várias instituições complementares da Instrução Pública”. Em seu parecer, Rui Barbosa, inicialmente, fez um breve relato histórico da Ginástica, destacando que o intuito desta prática não era transformar alunos em acrobatas, mas sim “desenvolver vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana, à felicidade da alma, à preservação da prática e à dignidade da espécie” (MARINHO, 1980, pg. 162; SOUZA, 2000, p. 107; CHICON, 2008, p. 17). O pensamento do Projeto, em 12 de setembro de 1882, previa:

- 1.º - Instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal.
- 2.º - Extensão obrigatória da ginástica a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura.
- 3.º - Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas.
- 4.º - Equiparação em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas (MARINHO, 1980, pg. 163).

De maneira prática, o parecer emitido em setembro de 1882, previa formas distintas de exercícios para meninas e meninos. Assim, adotou-se a ginástica para os meninos e a calistenia para as meninas nos dois primeiros anos da escola

⁶ Nos discursos escritos e mesmo proferidos por Rui Barbosa e Pedro Manuel da Costa era recorrente a menção feita à “Ginástica”, ao passo que para Fernando de Azevedo e Antônio Estevam da Costa e Cunha, a mencionavam como “Educação Física”. A grafia do referido termo nesta investigação, manteve-se conforme a escrita das fontes consultadas.

primária elementar. Na etapa subsequente a essa, ou seja, na “escola primária média”, aplicou-se a mesma prática do período anterior. Já na “escola primária superior”, que significavam os quatro anos seguintes, ofereceu-se a ginástica e os exercícios militares para os meninos e novamente a calistenia para as meninas (PICCOLI, 2006).

Vale ser ressaltado também que em seu parecer, Rui Barbosa além de defender a inclusão da ginástica nas escolas, equiparou os professores de ginástica aos das outras disciplinas, destacando também a necessidade de se desenvolver um corpo saudável para sustentar as atividades intelectuais (PICCOLI, 2006). Além de Rui Barbosa, Antônio Estevam da Costa e Cunha também emitiu seu parecer referente à Educação Física nas instituições de ensino da época:

A Educação Física, como se tem visto, é um elemento a par da educação moral: para valor individual do cidadão e para o valor e força geral da nação, tem ainda tanta influencia na parte psíquica de nossa natureza que nós brasileiros, governo, povo e mestres, todos convictos e animados de um bem entendido patriotismo, devíamos por nosso maior empenho em torná-la quanto antes uma verdade em todos os estabelecimentos de ensino (MARINHO, 1980, pg. 164).

Neste trecho, Antônio Estevam da Costa e Cunha destacou a importância da inserção da Educação Física, nos estabelecimentos de ensino, relacionando sua prática ao sentimento patriótico que se buscava desenvolver na época. Sendo a Educação Física, parte das disciplinas escolares, conseqüentemente, seriam embutidos, já na educação dos alunos, sentimentos nacionalistas.

Outro pioneiro desta campanha de inserção da Ginástica nas escolas foi Pedro Manoel da Costa, que em 1886 publicou o “Manual Teórico-Prático de Ginástica Escolar”. Neste volume, inicialmente destacou-se a importância da Ginástica desde o berço, sendo relacionada ao desenvolvimento do indivíduo. Além disso, escreveu-se uma série de preceitos higiênicos a serem observados durante as sessões de Ginástica, bem como noções anatômicas e antropométricas, que deveriam ser ensinadas aos alunos a partir dos dez anos de idade (MARINHO, 1980).

Para Rui Barbosa, muito além destas questões, o Brasil necessitava de uma educação escolar, alfabetização e uma educação física, que incluísse a Ginástica e mesmo os jogos no espaço e no tempo escolar. Essa educação tomou força após a

Proclamação da República, em 1889, e assim, se pôde perceber que desde os primórdios da educação no Brasil, nos discursos político pedagógicos, se sabia da importância e da necessidade de uma educação do corpo através do exercício físico presentes em disciplinas como a Ginástica.

Diante destas questões, a Ginástica Alemã foi se restringindo apenas aos estabelecimentos militares e a Ginástica Sueca se tornou a mais adequada para a Educação Física civil, no âmbito escolar e também fora dele. Fernando de Azevedo (*1894 +1974) foi um dos pioneiros a abordar as questões da Educação Física e seu valor pedagógico. Em sua tese, publicada em 1916, elaborou um programa de Educação Física para crianças e jovens, para ser desenvolvido nas escolas. Desta forma, as dores e o sofrimento que o exercício físico trazia deveriam ser minimizados por procedimentos pedagógicos, para que assim, a prática se tornasse mais prazerosa (MARINHO, 1980).

As práticas propostas por Azevedo procuravam trabalhar, gradativamente, todas as partes do corpo, contribuindo assim para a educação da vontade individual, consciência dos limites físico e fisiológicos. Neste programa de Ginástica, o esporte também deveria ser inserido durante a puberdade (PAGNI, 1997).

O Método Alemão foi oficialmente substituído no Brasil em 27 de abril de 1921, pelo Decreto n.º 14.784, emitido pelo, então, Ministro da Guerra que oficializou o método de Georges Hébert, adaptado às teorias da Escola Militar Francesa de Joinville-le-Pont (PICCOLI, 2006). Rui Barbosa combateu o Método Alemão, julgando-o inapropriado para as escolas brasileiras, uma vez que este apresentava uma conotação militarista e buscava a fortificação da raça, tão defendida pelos higienistas. Desta forma, era favorável a adoção do Método Sueco pelas Instituições de Ensino, uma vez que este se fundamentava na ciência e tinha fortes relações com a medicina e com os médicos, considerados os grandes magos do Brasil Republicano. Fernando de Azevedo também defendeu o Método Sueco décadas mais tarde. Para eles, a Ginástica Sueca se adequava a realidade escolar brasileira, por causa de seu caráter pedagógico.

Anos mais tarde, em 1929, criou-se uma comissão formada por civis e militares, para a elaboração de um anteprojeto de lei, cujo conteúdo determinava que a “Educação Física fosse praticada por todos os estabelecimentos de ensino” (CANTARINO FILHO *apud* SOARES, 2007). Além disso, definiu-se que o Método

Francês seria o adotado pelo Brasil até que houvesse um Método Nacional de Ginástica:

Em 30 de junho de 1931, a Portaria nº 70, do ministro Francisco Campos, recomendava para a Educação Física, a adoção das normas e diretrizes do Centro de Educação Física do Exército, baseadas no Método Francês, adotada pelas Forças Armadas brasileiras desde 1921. Esse seria o método oficialmente adotado nas escolas brasileiras, perdurando, até próximo aos anos de 1960 (CHICON, 2008, p. 21).

Este anteprojeto recebeu severas críticas da Associação Brasileira de Educação (ABE) que, desde a sua fundação, em 1924, dedicava uma atenção especial a Educação Física, possuindo um Departamento de Educação Física e Higiene (SOARES, 2007).

Para Ferreira Neto (1999 *apud* CHICON, 2008, p. 21), “o processo de escolarização da Educação Física nas escolas brasileiras se consolidou no século XX, especialmente, a partir do Estado Novo (1937-1945)”. A Constituição outorgada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937 previa a obrigatoriedade da Educação Física em todas as escolas de ensino fundamental, médio e também, nos cursos de magistério em nível médio (PICCOLI, 2006). Diante disso, o Método Francês, supriu por meio da Educação Física, as novas “necessidades” impostas pela sociedade brasileira, cada vez mais industrializada e competitiva. Desta forma, a parte física da educação ficaria sob responsabilidade da Educação Física, tendo como incumbência ser um espaço capaz de oferecer subsídios para forjar o cidadão forte e saudável, indispensável para o desenvolvimento do país (SCHNEIDER, 2004, p. 50).

O plano de Educação Física, com base no Método Francês, era dividido em seis ciclos e em sete formas de trabalho (ESTADO, 1934 *apud* SCHNEIDER, 2004, p. 49):

1) Educação Física elementar (pré-pubertária) de 4 a 13 anos; 2) Educação Física Secundária (pubertária e pós-pubertária) de 13 a 18 anos; 3) Educação Física Superior (desportiva e atlética); 4) Educação Física feminina; 5) Adaptações Profissionais e 6) Ginástica de Conservação (após 35 anos). As lições aplicadas se constituíam em sete formas de trabalho, as quais eram consideradas as suas grandes famílias 1) Marchar; 2) Trepar – Escaladas e Equilíbrios; 3)

Saltar; 4) Levantar – Transportar; 5) Correr; 6) Lançar; e 7) Atacar e se defender.

Tal sistema de exercitação deveria seguir ainda três orientações, segundo Bonorino *et al.* (1931, p. 213 *apud* SCHNEIDER, 2004, p. 49-50):

Primeiro – O método visa o desenvolvimento físico por meio de flexionamentos e de exercícios educativos, não usuais, analíticos; os primeiros de grande amplitude e de grande rendimento e ainda por meio de jogos bem conhecidos;

Segundo – é claramente utilitário, pela prática de exercícios ou “aplicações” sintéticas, regidas pelo princípio da economia de forças [...];

Terceiro – é claramente esportivo, quer dizer que visa o aperfeiçoamento superior dos exercícios; prescreve a prática de todos os esportes na pura forma esportiva de competição, regulariza o seu uso e prepara, metodicamente, por meio de educativos especiais, exatamente aqueles que consideram aptos a se beneficiarem pelos esportes em geral.

O que se percebia, durante a oficialidade do Método Francês nas escolas brasileiras, era um desencontro de conteúdos, ou seja, havia um impasse entre o que se pretendia oficialmente com o que, de fato, acontecia nas escolas. Esta indefinição que atravessava o cenário da Educação Física nacionalmente criou a necessidade de se definir que conteúdos, realmente, caberiam ao contexto brasileiro e, ao mesmo tempo, quais deveriam ser banidos (LYRA, 2013, p. 196).

Além disso, neste período (1940-1941) surgiram resistências contra a influência estrangeira expressa através da vigência do Método Francês. Esta questão também influenciou fortemente para que a Divisão de Educação Física (DEF) amadurecesse a idéia de efetuar um “Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física” (MARINHO, 1946 *apud* PICCOLI, 2006).

O referido Método de Educação Física, também chamado de “Eclético”, surgiu juntamente com o reconhecimento de que o que se estava propondo não era nada inovador, criado e, sim o aproveitamento em seu melhor, dos Métodos Ginásticos já existentes. Desta forma, este método deveria representar um conjunto harmônico e ter uma consciência não rígida, capaz de moldar-se sem dificuldade a todas as exigências, regionais, étnicas, individuais e sociais (MARINHO, 1944, p. 1 *apud* CASTRO, 1997, p. 10).

Desta forma, organizou-se, em 1946, dois grupos de saberes distintos: um relativo à Ginástica, denominado “Sessão de Ginástica Metodizada” e outro, direcionado aos Desportos, denominado “Sessão Especial de Desportos”:

A Sessão de Ginástica Metodizada era prevista somente para os ciclos secundário e superior (alunos adultos), e seria organizada em quatro partes distintas e complementares: a primeira, relativa ao aquecimento, correção e disciplina; a segunda, composta por exercícios de efeito localizados ou analíticos (flexionamentos); a terceira, onde se encontrariam os exercícios utilitários de efeitos gerais e, por fim, uma parte destinada ao que se chamou “volta à calma” (LIRA, 1945 *apud* LYRA, 2013, p.197).

Na parte inicial previa-se a realização de exercícios militares, como marchas e evoluções. Tais movimentos deveriam ser corrigidos pelo professor, que teria como balizador os movimentos calistênicos, propostos pela Ginástica Sueca. A segunda parte propagava o aproveitamento de exercícios localizados, característicos de todos os métodos, entretanto, destacavam-se os flexionamentos característicos do Método Francês e os balanceios, advindos da Ginástica Sueca. Na terceira parte reforçava-se o Método Francês, uma vez que se propunha a utilização de exercícios educativos provenientes das sete famílias de movimento, ampliando em sua forma básica. A última parte, denominada “volta à calma”, previa, novamente, marchas militares juntamente aos exercícios respiratórios, que objetivavam o repouso corporal completo. Como estratégia de relaxamento, utilizava-se também o canto, estando aliado a marcha lenta (LYRA, 2013).

As inovações deste novo “método” ficaram localizadas na organização dos desportos como conteúdo a ser abordado nas aulas de Educação Física nas escolas. Vale ser ressaltado que tal conteúdo não era desconhecido da Educação Física, nem mesmo ausente do âmbito escolar. O que se pretendeu a partir deste “Método Eclético” foi dar maior visibilidade a ele e tratá-lo a partir de novas disposições. Desta forma, a “Sessão Especial de Desportos” foi composta por quatro partes: a primeira era relativa ao aquecimento, realizado de igual forma a sessão de ginástica, acrescentando-se apenas exercícios de saltitamento; na segunda parte já eram introduzidos pequenos jogos educativos; na terceira parte ocorria o jogo propriamente dito, com a inserção da competição; a quarta e última parte relacionava-se a volta à calma, utilizando exercícios da sessão de Ginástica (LYRA, 2013).

A formulação deste Método Nacional de Ginástica, ou “Método Eclético”, se deu no ano de 1946. O Colégio Nossa Senhora Aparecida, por sua vez, foi fundado no ano de 1937 e desde os primeiros anos letivos, ofereceu aulas de Educação Física. Assim, foi em meio ao Método Francês, seguido por um Método Eclético de Ginástica, que se procurou entender como se sucederam, de fato, tais aulas de Educação Física nesta instituição de ensino, do município de Nova Prata, entre os anos de 1937-1949.

Para além destas questões, entender este importante processo de mudança de conteúdos, relacionados à Educação Física, dentro de um colégio dirigido por religiosas foi ainda mais intrigante, uma vez que, juntamente com a rigidez do sistema político militarizado coexistiam também valores morais e religiosos, que de certa forma influenciavam os saberes imbricados neste Colégio. No capítulo que segue buscou-se descrever as especificidades das aulas de Educação Física, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, no período de 1937-1949. Para tanto, foram utilizadas fontes documentais, imagéticas e orais.

6. AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA

Para se compreender qual foi o lugar ocupado pelas aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, no período de 1937 a 1949, foi preciso percorrer o caminho da “Ginástica” até o período em questão. Desta forma, fez-se necessário destacar demais transformações que perpassaram tal prática educativa, como por exemplo, os métodos ginásticos em vigência naquele período. A partir de tais prerrogativas, este capítulo visa destacar como se constituíam as aulas de Educação Física na referida instituição de ensino, destacando quais foram os conteúdos, bem como os significados atribuídos a eles, por ex-alunas do Colégio.

De maneira a iniciar as considerações, afirma-se que as lembranças das ex-alunas do Colégio Nossa Senhora Aparecida, foram riquíssimas e de extremo valor para o registro desta disciplina em seu período inicial, naquela escola. Destaca-se isso, pois por algum motivo, os documentos referentes às disciplinas curriculares e mesmo às práticas educativas, dos primeiros anos letivos da instituição, submergiram das dependências do Colégio. Talvez possam ter sido perdidos durante a mudança para prédio de funcionamento atual, no ano de 1944, ou mesmo retirados da instituição pelas Irmãs quando estas deixaram o Colégio ou então por outro administrador/diretor que teve acesso a eles e que julgou não ser mais necessário arquivá-los. Entretanto, este impasse não impediu que, de uma forma ou de outra, o objetivo central desta investigação fosse desenvolvido. E é por isso que se destaca a importância e a significativa contribuição das ex-alunas do Colégio, colaboradoras deste estudo e, porque não, protagonistas dele, uma vez que foi através de suas lembranças que foi possível trazer ao presente as lembranças daquele tempo em que frequentaram o Colégio.

As “conversas” com as depoentes trouxeram importantes vestígios relacionados ao desenvolvimento da Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida. Ao serem instigadas a se lembrarem de tais aulas durante o período em que estudaram na instituição, algumas respondiam com um novo questionamento: “Queres saber sobre as aulas de Ginástica?”. Assim, à medida com que realizavam-se as entrevistas, notou-se que esta “incerteza” relacionada à nomenclatura, era recorrente. De fato, algumas das senhoras entrevistadas, chamavam de “aulas de

Educação Física”. Outras, entretanto, as denominavam de “sessões e/ou aulas de Ginástica”. Desta forma, optou-se por manter a grafia destas duas designações, conforme proferidas pelas senhoras colaboradoras, ou seja, por vezes ao fazer referência às entrevistadas, cita-se a Educação Física e por vezes, aulas ou sessões de Ginástica.

Com relação a esta denominação, Schneider (2004) destaca que se pôde perceber, durante as duas primeiras décadas do século XX, uma mudança na denominação do que se entendia por “Gymnástica”, no interior da escola, para algo que se definia como uma disciplina de “Educação Physica”. Para além da mudança de nomenclatura, ocorreram também adaptações nos conteúdos, uma vez que, a “Educação Physica” passou a trabalhar, de maneira geral, com os princípios da Ginástica Sueca, a qual tinha como um de seus objetivos, corrigir e “endireitar” os corpos das crianças.

Passando a destacar questões mais pontuais relacionadas às aulas de Educação Física, ressalta-se, inicialmente, o local onde foram desenvolvidas as primeiras aulas. Conforme detalhado no capítulo dois desta investigação, o edifício onde ocorreram as primeiras atividades educacionais do Colégio Nossa Senhora Aparecida era uma casa de madeira, com um espaço bastante reduzido. Em decorrência do crescente número de matrículas, após certo tempo, adquiriu-se outra casa, para que assim se pudesse acomodar a todos os alunos. Entretanto, até o ano de 1944, não existia nenhum espaço amplo nas instalações do Colégio, próprio para o desenvolvimento das aulas de Educação Física. A solução encontrada pelas Irmãs na época foi utilizar o pátio da Igreja Matriz de Nova Prata, localizado ao lado do Colégio. Por ser um espaço aberto, as aulas dependiam do clima para ocorrer, assim, em dias chuvosos ou muito frios, as aulas de Educação Física eram substituídas por outros conteúdos.

Pode-se dizer que, estes impasses e “precariedades”, marcaram o movimento inicial de constituição do campo disciplinar da Educação Física na maioria das escolas ou “Grupos Escolares” brasileiros. Da mesma forma que o Colégio Nossa Senhora Aparecida, os Grupos Escolares de Belo Horizonte, conforme descreveu Vago (2000), também foram prejudicados pela inexistência de espaços físicos, para o desenvolvimento das aulas, conforme previa a Legislação da época. Em seu estudo, o autor destacou também que as aulas de Educação Física detinham reduzida participação na distribuição dos tempos escolares e por vezes, eram postas

em “secundarização” em relação a outras disciplinas. Ademais, existiam dúvidas com relação a sua obrigatoriedade ou facultatividade e, era recorrente o despreparo de professores que assumiam o seu ensino.

No caso do Colégio Nossa Senhora Aparecida, foram as próprias irmãs que, nos primeiros anos letivos, lecionaram a disciplina de Educação Física. Além de assumirem as questões educacionais propriamente ditas, precisaram também se revezar nas tarefas administrativas da instituição. Conforme lembrado pelas ex-alunas, por diversas vezes, as Irmãs se envolviam com funções educacionais, organizacionais e administrativas: “[...] eram as irmãs que davam as aulas e que cuidavam do colégio. Elas davam todas as disciplinas, porque, não tinham outras pessoas para ensinar a gente. A Madre Florência, que era diretora, também dava aula aos mais velhos” (ELIAS, 2013).

Em decorrência deste reduzido número de irmãs, era recorrente a existência de turmas com elevado número de alunos. Na maioria das vezes, em uma mesma classe, havia alunos de diferentes idades e com distintos níveis de aprendizado. Esta questão, sem dúvidas, tornou o trabalho das Irmãs cuidadoso e intenso ao mesmo tempo. Abordando, particularmente, as primeiras aulas de Educação Física, conforme relatado pelas colaboradoras do estudo, algumas vezes chegaram a se concentrar trinta, quarenta e mesmo cinqüenta alunos, em um mesmo espaço, para as lições de Educação Física. Em contrapartida a esta significativa quantidade de alunos, por vezes, apenas uma Irmã ministrava os exercícios durante uma hora, mais ou menos. Raramente a professora titular contava com o auxílio de outra professora em suas aulas e quando isso acontecia, “normalmente era a Irmã Joana, de Porto Alegre, que auxiliava nas tarefas” (PERIN, 2013).

Para manter a ordem da instituição que, com o passar dos anos letivos registrou cada vez mais matrículas, foi preciso ter rigor nas diferentes instancias organizacionais. Desta forma, a extrema organização perpassava questões administrativas e adentrava também nas disciplinas escolares, inclusive nas aulas de Educação Física. A partir dos depoimentos orais, se fez possível destacar diferentes ocasiões onde a busca pela ordem entrelaçava-se à organização imposta pelas Irmãs. A formação dos alunos em filas é um bom exemplo para se demonstrar a preocupação das irmãs com tais questões. Esta estratégia foi adotada em inúmeras circunstâncias, como por exemplo, para entrar e sair das salas de aula, para ir à missa, ao refeitório e, também para se deslocar até o local das aulas de

Educação Física: “Tínhamos que fazer o que elas pediam. [...] Todos nós usávamos uniformes. Nós íamos em fila para a aula e também à missa de manhã cedo, sempre em filas. E não se podia conversar, “quietinhos”, em fila (JACQUES, 2013).

Outra forma de rigor/organização adotada para melhor controlar as turmas, especialmente, as de Educação Física, foi o registro de frequência. Assim, estabelecia-se um número mínimo de aulas práticas que os alunos deveriam participar para obter aprovação ao final do período letivo. Em contrapartida a isto, era recorrente a substituição das aulas de Educação Física por outras disciplinas, como foi destacado neste trecho de um dos depoimentos: “Tinha que manter a ordem. Tinha que fazer um número certo de aulas, caso contrário, nos reprovavam, porque as aulas de Ginástica eram contadas como as demais matérias. Mas, às vezes, não tínhamos Ginástica para ter outras disciplinas, como História do Brasil [...] (PERIN, 2013).

Para além dessas questões relacionadas à “ordem”, outro cuidado das Irmãs estava atrelado ao fato das turmas serem mistas, ou seja, meninos e meninas tinham todas as disciplinas em um mesmo espaço. De fato, o número de irmãs era bastante reduzido e isso, como já destacado, implicou em indispensáveis adaptações para que o colégio continuasse com suas atividades educacionais. Uma destas adaptações foi a de se criar turmas mistas, para que desta forma se solucionasse duas dificuldades pelas quais a escola estava passando: a falta de professoras e a falta de espaço físico. Entretanto, mesmo que estivessem em uma mesma turma, as Irmãs separavam os meninos de lado da sala e as meninas do outro. Durante as aulas de Educação Física, por sua vez, eram “distanciados” por colunas: “Os meninos faziam junto as aulas de Ginástica. Separados só nas colunas, mas as aulas eram juntos. [...] Tinham alunos de várias idades também nas turmas. [...] Nós tínhamos que fazer o que ela mandava. Ela era rigorosa que Deus o livre” (NADIN, 2013).

Outro ponto bastante curioso, que emergiu durante os depoimentos, sobre as aulas de Educação Física relaciona-se ao uniforme utilizado para as aulas práticas. Ao lembrarem-se da vestimenta, as senhoras enfatizaram que não se tinha uma “roupa especial” para as aulas de “Ginástica”. Os meninos faziam as aulas de calça e camiseta, sendo este o mesmo uniforme utilizado para frequentar as demais atividades educacionais: “Os meninos tinham uma roupa cor “caqui”, mas depois,

teve uma época que eles usaram calça azul marinho também e camisa branca” (TOMEDI, 2013).

O uniforme das meninas, por sua vez, exigia delas um pouco mais de cuidado, durante os movimentos, nas aulas de Educação Física: “para as aulas de Ginástica, usávamos também a saia pregada, debaixo do joelho - não poderia ser acima do joelho - e a blusa branca, com um tope na gola, com poá azul e branco (NADIN, 2013).

Todos nós usávamos uniformes. Era uma blusa branca e uma saia azul marinho. E para as aulas de ginástica usávamos o mesmo, não existia, naquela época, calção. Teve até umas alunas de Veranópolis, que vieram de lá para estudar, que tinham calção, mas as Irmãs não as deixaram usar, de jeito nenhum. Eram saias compridas até os joelhos. [...] Quem dava aula, geralmente, era a Madre e a Irmã Generosa. Sempre eram com as irmãs mesmo [...] (JACQUES, 2013).

Na imagem abaixo, destaca-se uma fotografia de uma das ex-alunas entrevistadas, vestida com o uniforme do Colégio, no ano de 1938.

Figura 19 - Uniforme feminino do Colégio
Nossa Senhora Aparecida, 1938.



Fonte: Acervo pessoal de ex-aluna.

Foi notória também, durante os depoimentos orais das ex-alunas, a seriedade com que eram tratadas as aulas de Educação Física pelas professoras e também pelos alunos. Assim, percebeu-se que esta disciplina também foi sinônimo de ordem e obediência, refletindo comportamentos nas demais atividades educacionais. Conforme lembrado pelas senhoras colaboradoras, a postura adotada pelas Irmãs que ficavam à frente das turmas, principalmente durante as aulas de Educação Física, era imponente e, mesmo que houvesse meninos e meninas e/ou alunos de distintas idades em um mesmo espaço, as Irmãs os tratavam de forma igualitária.

Ao serem questionadas sobre os conteúdos das aulas, a primeira lembrança se expressava através de gestos: “[...] era aquela ginástica para cá, para lá [movimentando os braços] sabe?” (ELIAS, 2013). De fato, nenhuma das alunas mencionou a palavra “Calistenia”, entretanto, ao observar os movimentos realizados no momento das entrevistas ou mesmo através da descrição dos gestos, foi notória a presença desta prática na rotina escolar.

Para o professor Inezil Penna Marinho (1952 *apud* LYRA, 2013) a primeira referência encontrada a favor da adoção da Calistenia no Brasil situa-se nos Pareceres de Rui Barbosa, quando ele a enaltece e a prescreve ao sexo feminino. A Calistenia é o verdadeiro marco do desenvolvimento da ginástica moderna com fundamentos específicos e abrangentes. Sua origem encontra-se na Ginástica Sueca, associada à música e ao ritmo dos exercícios, os quais são feitos à mão livre ou usando pequenos acessórios para fins corretivos, fisiológicos e pedagógicos, defendendo o equilíbrio entre corpo e alma.

Posteriormente a Rui Barbosa, o Professor Frederico Guilherme Gaelzer foi um grande incentivador dos exercícios calistênicos para as práticas de Educação Física nas escolas. Da mesma forma que Rui Barbosa, o Professor Gaelzer considerava a calistenia como sendo uma modernização da ginástica sueca (LYRA, 2013, p. 192 *apud* RIO GRANDE DO SUL, 1938). Para além de seu valor pedagógico, os exercícios calistênicos eram vistos por Gaelzer como uma das poucas possibilidades reais de fazer com que a Educação Física estivesse presente, de fato, em muitas escolas do Rio Grande do Sul. O fator determinante deste pensamento era a falta de estrutura das escolas, mais especificamente, de um espaço físico para o desenvolvimento adequado da Educação Física.

O processo de ensino de tais lições de Ginástica, conforme destaca Bracht (1999), exigia do professor instrutor exposição oral e demonstração minuciosa e, da

classe, imitação precisa. Diante disso, destacou que o professor deveria, inicialmente, enunciar o movimento em voz clara e executá-lo em ritmos variados. Após, através da observação atenta, deveria mostrar os erros mais frequentes cometidos por seus alunos. Em seguida, mandava executar o movimento “a vontade” corrigindo os erros e por fim, pedia para que a classe executasse o movimento em velocidade variável e compatível com seu nível de habilidade.

Para além das aulas de Calistenia, as ex-alunas entrevistadas destacaram a presença de alguns jogos desenvolvidos após as lições calistênicas. Desta forma, citaram atividades como pega-pega, ovo-choco, esconde-esconde, caçador e atividades com corda, destacando que, nesse momento da aula, elas poderiam “brincar”:

Eu me lembro de caçador, jogos com bola. Daí se dividia as turmas e competíamos. Uma turma perdia a outra ganhava, era muito bom. Brincávamos de “ronha” (pega-pega), pingue-pong, ovo choco, esconde-esconde. [...] No tempo que eu fiquei no colégio foram sempre assim as aulas. [...] Eu não notei diferença nenhuma. [...] Eu me lembro que corríamos também. Corríamos até a metade da quadra, depois voltávamos. Além dos jogos eu não me lembro. [...] De corrida, era vinte minutos ou meia hora, quando muito. [...] Corríamos e depois tinha os jogos. [...] Brincadeira com corda era à vontade. Quem não queria jogar ou não queria correr, então ia pular corda e fazer outras coisas, outras brincadeiras. [...] Às vezes a professora ensinava novas brincadeiras, mas, eu não consigo me lembrar de todas (PERUZZO, 2013).

Diante de tais evidências, o que se percebeu foi que as primeiras aulas de Educação Física do Colégio Nossa Senhora Aparecida já contavam com um plano de aula significativamente estruturado, tendo assim dois momentos distintos e com diferentes formas de abordagem pela professora. O primeiro momento da aula era quando realizavam-se os exercícios calistênicos, de uma maneira mais formal e o segundo momento, mais recreativo, compunha-se de jogos e brincadeiras.

Em consonância a esta estruturação de aula, destaco o plano de estudos do Professor Gaelzer. Suas aulas de Educação Física também eram divididas em duas partes: a parte formal e a parte recreativa. Na primeira se encontravam inscritos os exercícios calistênicos, objetivando atingir questões fisiológicas, já na segunda, estavam presentes os bailados, as marchas e os jogos, com uma finalidade mais recreativa e ao alcance das funções psíquicas do indivíduo (LYRA, 2013).

Ainda com relação à organização de conteúdos de uma aula de Educação Física daquele período, destaca-se o modelo citado por Vago (2000) em sua investigação, o qual se aproxima, em algumas questões, do modelo do Professor Gaelzer. O referido autor destaca que, alguns programas escolares vinculados à Ginástica incluíam diversas práticas corporais precisas e sistematizadas de marcante caráter racional e higiênico. Enfatizou-se, desta forma, que inicialmente, foram previstos diferentes atividades para meninos e meninas. A eles foram prescritas marchas e evoluções militares, e a elas as minuciosas séries de exercícios físicos que, paulatinamente, foram sendo acrescentadas, estando baseadas nos preceitos da Ginástica Sueca. Depois de realizadas tais séries, as crianças podiam “brincar em liberdade” no pátio, estando acompanhadas da professora. Para o autor, esta etapa das aulas era uma forma de compensação à racionalidade imposta pelos exercícios regulados.

Esta questão dos conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física durante o tempo em que permaneceram no Colégio foi um dos principais pontos questionados durante os encontros com as ex-alunas. Desta forma, ao instigá-las a lembrarem-se sobre mudanças relacionadas às atividades destas aulas, algumas responderam-me de maneira positiva:

Na parte de Educação Física, pelo que eu me lembre tinha: caçador - que até hoje eu acho esse jogo uma beleza - caçador, pular corda, depois começou vôlei. [...] Bom, depois de grande, já mais mocinha, eu adorava jogar vôlei. [...] Eu gostava muito de Educação Física, na verdade, era Ginástica na época (TOMEDI, 2013).

Desta forma, o que se pôde perceber através dos depoimentos orais das ex-alunas, foi que um pouco antes delas deixarem a instituição de ensino, em meados da década de 1940, o esporte já estava começando a se inserir nas aulas, entretanto, acredita-se que isso tenha se dado de maneira bem inicial durante a década de 1940 e mesmo durante o início da década de 1950 naquela instituição.

Esta mudança inicial de conteúdos a serem privilegiados nas aulas de Educação Física refletiu o paradigma político da época. Em decorrência disso, julgo pertinente destacar algumas questões de cunho político que influenciaram, de certa maneira, o percurso da disciplina de Educação Física dentro das instituições de ensino. Além disso, é preciso pensar o Colégio Nossa Senhora Aparecida como

parte deste processo, uma vez que esteve inserido neste período de mudanças, não sendo uma instituição isolada em seu tempo. Deste modo, com a implementação do Estado Novo (1937-1945), a Educação Física escolar, assim como a educação moral e cívica e a instrução militar, passaram a atuar no sentido de incumbir na realidade social do país, principalmente dos adolescentes, valores como o patriotismo (CORRÊA, 2006). Para tanto, uma das políticas desenvolvidas por Vargas, foi a Campanha de Nacionalização, destinada a difusão de códigos espirituais e corporais que conformariam o cidadão brasileiro de acordo com as exigências dos novos processos econômicos.

Em razão disso, a Educação Física tomou como referência o modelo da fábrica e o que passou a importar foram os resultados. É nessa realidade que o esporte passa a ser privilegiado no método oficial, tornando-se o principal componente do repertório de saberes a serem ensinados no ambiente escolar pela Educação Física. Tal mudança gerou uma série de embates entre os defensores das duas formas distintas de se perceber a Educação Física na época. Este “conflito” pôde ser percebido através de escritos publicados por estudiosos naquele tempo. Apesar disso, a pedagogia da Educação Física incorporou o esporte, agregando novos sentidos/significados. Dentre eles, destaca-se a preparação das novas gerações para representar o país no campo esportivo internacional (BRACHT, 1999).

Para Fernando Azevedo (1938 *apud* SCHNEIDER, 2004, p. 45) os esportes tinham o seu lugar em um programa de Educação Física Escolar, desde que não se abdicasse da aplicação de conteúdos presentes nos métodos ginásticos, como ganho de força, capacidade respiratória e flexibilidade. Desta forma, o esporte só poderia ser realizado após a seção de ginástica.

Já para os colaboradores da Revista Educação Física, que também adquiriu maior sistematicidade, circulação, produção e divulgação de conhecimentos técnicos, científicos, pedagógicos, estéticos e ideológicos, em 1937 eram anunciadas quais as funções e papéis da Educação Física. Matérias como “A nova educação física” escrita pelo Dr. Irving Fisher, relatavam a mudança que estava ocorrendo nos conteúdos da Educação Física, destacando principalmente, o Esporte.

[...] a idade nova requer homens de iniciativa, vivos, criteriosos. Será necessário, portanto, empregar typos de actividade que desenvolvam essas qualidades. Estas características desenvolvem-se geralmente nos jogos. O jogo é criador e poético. Tem grande valor como estimulante da imaginação. [...] a nova educação physica deve ser antes objetiva que subjetiva. A gymnastica do passado era subjetiva. Os esportes actuaes são objetivos. Naquella, a grande preocupação estava na forma e na maneira de executar um determinado exercício. Neste, o que importa são os resultados, como, por exemplo, fazer a bola passar uma determinada linha para marcar um goal. Antigamente, dava-se valor ao equipamento e aos materiaes a empregar. Agora, aos indivíduos que com elles serão beneficiados. A idade moderna precisa de homens efficntes e optmistas. A nova educação physica dará, por isso, grande importância à hygiene. Ensinará o homem a viver da melhor maneira possível. Fará com que cada um dos seus hábitos physicos contribua para o aumento da sua efficacia e não para a sua diminuição. [...] antes os jogos athleticos tinham valor como espetáculo. Agora a participação nelles é que vale (FISHER, 1934, p. 13 apud SCHNEIDER, 2004, p. 43).

Através destes escritos, principalmente do Dr. Fisher, o que se percebe é o desejo de uma redefinição de conteúdos da Educação Física. Para isso, o autor se utiliza dos objetivos das duas práticas, a Ginástica e o Esporte, para justificar tal mudança. Assim, enquanto a Ginástica buscava a perfeição na execução de movimentos, o esporte se importava com os resultados finais, através de sua maior objetividade. Entretanto, para Fernando de Azevedo, os esportes poderiam ter um lugar nas aulas de Educação Física escolar, desde que não se abandonasse a aplicação dos métodos ginásticos. Para ele, as duas práticas tinham objetivos diferentes e por isso, uma não precisaria, necessariamente, excluir a outra, mas sim, complementarem-se em um plano de Educação Física escolar.

Como se pôde perceber, mesmo que houvesse certa negação do esporte como conteúdo principal a ser ensinado pela Educação Física, ele já era uma realidade no âmbito educacional na década de 1940, como por exemplo, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, mesmo que de forma inicial. Desse modo, não poderia ser negado como saber a ser utilizado na docência. Mas, para ser utilizado, era necessário que lhe diminuísse o caráter utilitário e subordiná-lo ao ritmo da ginástica, o que faria com que perdesse algumas de suas marcas de produção/origem, como: competição, especialização e quantificação dos resultados (SCHNEIDER, 2004).

A partir destes escritos, o que se percebe é a presença de dois saberes: a Ginástica e do Esporte, disputando a supremacia sobre a Educação Física daquela

época, buscando determinar, desta forma, quais seriam os conhecimentos válidos a serem ensinados pelos educadores.

Outra mudança na Educação Física que culminou com a implementação do regime Vargas no Brasil, esteve relacionada aos professores nomeados para ministrar esta disciplina dentro das instituições de ensino. Assim, a partir deste tempo, os professores de Educação Física passaram a ser, em sua maioria, militares. Esta modificação, entretanto, não se fez presente no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata.

Da mesma forma que ocorreram mudanças estruturais no Colégio, outras questões também foram sendo modificadas. Dentre elas destaca-se a reformulação do corpo docente juntamente com a implementação do Curso Ginásial na instituição. Conforme já destacado, a partir do ano de 1945 registrou-se novos docentes, não religiosos, que assumiram as atividades educacionais do Colégio. Desta forma, para as aulas de Educação Física do Ministério, Educação e Saúde, nomeou-se o professor João Callego.

Ao questionar as dez ex-alunas, especificamente, sobre as aulas deste professor durante o período que permaneceram na instituição, apenas uma delas mencionou, de maneira breve, tal situação: “Era um professor que dava as aulas de Ginástica, mas não era padre [...]. Lembro que as meninas e os meninos, na minha época, já faziam juntos a aula” (LENZI, 2013). As demais senhoras, entretanto, afirmavam que durante todo o tempo em que estudaram no Colégio, foram as próprias Irmãs que assumiram, também, as aulas de Educação Física:

Eu não me recordo se tinham professor de Educação Física viu? Eram as irmãs mesmo. Nós nos reuníamos atrás da Igreja e fazíamos os exercícios lá mesmo (MILETTO, 2013).

A partir de tais apontamentos, o que se pôde perceber é que, de certa maneira, o Colégio de Nova Prata acompanhou algumas modificações educacionais ocorridas a âmbito nacional, como por exemplo, mudanças “sutis” relacionadas aos conteúdos das aulas de Educação Física. Entretanto, em nenhum dos depoimentos realizados, com as ex-alunas da instituição do período de 1937-1949, destacou-se a presença de militares, sendo estes os únicos responsáveis pelas aulas de Educação Física. A presença destes, por sua vez, foi lembrada durante a preparação para as

comemorações da Semana da Pátria, quando permaneciam no Colégio para ensaiar os alunos para o desfile comemorativo.

Com relação a esta questão, as alunas entrevistadas destacaram que, os objetivos, bem como os conteúdos das aulas de Educação Física, eram modificados à medida com que se aproximava o mês de setembro e, conseqüentemente, as comemorações da Semana da Pátria. Destaca-se isso, pois os “ensaios da marcha”, como eram tratados pelas senhoras, foram um dos principais conteúdos lembrados por elas no momento em que foram questionadas sobre as aulas de Educação Física: “Ah, tinham aulas de Ginástica, tinham jogos, tinham ensaios para a semana da pátria em setembro. [...] Tinha que saber marchar para desfilar, tudo isso (PERIN, 2013).

Foi através dos depoimentos orais que se pôde perceber o significativo valor dado a estes momentos de preparação para a “marcha”. De fato, as colaboradoras do estudo lembraram-se dos conteúdos referentes à Educação Física, entretanto, estes eram sempre acompanhados de alguma lembrança trazida pelo mês de setembro: “Nós jogávamos bola, caçador que diziam. Um pouco antes do dia sete de setembro então, marchávamos para ensaiar, uns quinze dias antes (PERUZZO, 2013).

Foi percebendo este valor que se julgou pertinente dedicar um subcapítulo a esta temática. Desta forma, destacaram-se, de forma breve, algumas lembranças e considerações das ex-alunas sobre os ensaios e a preparação do Colégio como um todo, para o dia do desfile cívico, no município de Nova Prata/RS.

6.1 AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PREPARAÇÃO PARA A SEMANA DA PÁTRIA

Neste tópico são destacadas, de maneira breve, questões relacionadas à preparação do Colégio Nossa Senhora Aparecida para as comemorações da Semana da Pátria, no município de Nova Prata. Para tanto, foram utilizadas as fontes orais produzidas através das entrevistas realizadas com dez ex-alunas da instituição, além de buscar na literatura estudos que, de uma forma ou de outra, abordaram esta temática durante o período em questão (1937-1949).

O Estado-Novo (1937-1949) marcou os cenários político, social e educacional por meio da busca de um ideário nacionalista, que objetivava a formação de um

cidadão civilizado e direcionado ao trabalho. As Escolas, por sua vez, desempenharam papel fundamental, no panorama educacional, pois serviram de modelo a seus alunos, ensinando-os o valor do amor e do respeito à Pátria. Aliada a esta perspectiva estava a Educação Física, a qual objetivava o desenvolvimento de uma saúde equilibrada, tornando os alunos “sadios” e resistentes. Assim, esta disciplina era vista como sendo uma ação disciplinadora do homem “novo”, construído por meio de uma raça cada vez mais aprimorada e representativa no País (VAZ, 2006).

Para Gonçalves Jr. e Ramos (2005), eram comuns durante o Estado-Novo, aulas de Educação Física com caráter metódico e nacionalista. Além disso, a presença de militares como instrutores de tais aulas, nas instituições de ensino era recorrente. Diante disso, como destaca Corrêa (2006), as décadas de 1930 e 1940 compuseram um momento histórico de valorização da Educação Física, uma vez que foi utilizada, pelo Governo de Getúlio Vargas, como um instrumento para incrustar pressupostos de seu ideário governamental na sociedade, tais como o fortalecimento da raça, o tipo físico pré-determinado e o nacionalismo.

Dentre os “conceitos” deste ideário de Vargas, a Campanha Nacionalista foi a que mais se difundiu nos meios sociais, das décadas de 1930 e 1940. No Colégio Nossa Senhora Aparecida, não foi diferente. Estas questões adentraram as salas de aula e fizeram parte da formação educacional de inúmeros jovens. No discurso das ex-alunas entrevistadas descaram-se questões relacionadas ao respeito à Pátria e como este sentimento era traduzido através de ações cotidianas. Um exemplo era o ato de entoar o Hino Nacional, com mais frequência, durante as comemorações da Semana da Pátria. Além disso, durante as entrevistas, as senhoras lembraram os trabalhos realizados durante o tempo em que permaneceram na instituição, como por exemplo, as redações, as quais sempre tratavam do respeito que se tinha pela Pátria: “Nós cantávamos o Hino Nacional mais seguido durante Semana da Pátria. Nossa naquela época, a gente tinha respeito, não se falava quase nada. E éramos cobradas, nas redações e tudo” (LENZI, 2013).

Através das fontes consultadas para elaboração deste estudo, se pôde perceber que, com o advento do Estado-Novo, deu-se maior visibilidade às Festas Cívicas. Além disso, durante a realização das entrevistas, os desfiles e mesmo a preparação do Colégio Nossa Senhora Aparecida para tais comemorações, foram um dos pontos lembrados com mais frequência pelas ex-alunas. Tal questão se

justifica, por nesse período ocorrer um maior envolvimento das escolas, de um modo geral, nas comemorações da Semana da Pátria, sendo esta festa cívica uma oportunidade de se externizar o que, de fato, estava sendo transmitido aos alunos, dentro das instituições de ensino. Para além destas questões educacionais, as comemorações oficiais constituíam-se também como formas de propaganda política favorável ao Governo de Vargas.

Como destaca Vaz (2006), as Festas Cívicas nas décadas de 1930 e 1940 tinham participação efetiva de crianças, jovens e da população em geral, os quais lotavam praças, escolas e estádios de futebol. Esta questão também pôde ser percebida na realidade educacional de Nova Prata. Desta forma, destacou-se uma significativa participação da população do município durante as atividades da Semana da Pátria: “A população toda ia assistir, meu Deus! Aquilo enchia de gente assistindo [...]. Eu lembro que tinha os colégios, mas o resto eu não lembro. Ah, mas era um tempo bom (LENZI, 2013)”.

Abaixo, destaca-se uma imagem do município de Nova Prata, no dia 05/09/1941, em pleno desfile cívico em comemoração ao Dia da Pátria. Como se pode perceber, a população estava concentrada ao redor da Praça da Bandeira prestigiando e participando das atividades daquele dia comemorativo. Para além dos alunos organizados em colunas, no canto esquerdo da imagem nota-se também a presença da população, segurando faixas, as quais, provavelmente, detinham escritas referentes à Pátria.

Figura 20 - Presença da população no Desfile Cívico, na Praça da Bandeira, em Nova Prata, no dia 05/09/1941.



Fonte: Foto Perin.

A preparação para estas datas comemorativas adentravam o ambiente escolar, estando presente, desta forma, em seus espaços físicos, como pátios e salas de aula, além do material didático, como cartilhas, manuais e cartazes, interferindo no cotidiano escolar (VAZ, 2006). No Colégio Nossa Senhora Aparecida, os preparativos para as comemorações do Dia da Pátria iniciavam um tempo antes do mês de setembro. Assim, as demais atividades educacionais também eram modificadas neste período, principalmente as aulas de Educação Física que eram voltadas exclusivamente para o ensaio da marcha. Além dessas, as demais atividades educacionais eram voltadas para a organização de materiais para o desfile. Os depoimentos orais revelaram que, toda esta função, era tratada com bastante seriedade por todos os envolvidos:

Ah, eu me lembro. Era uma coisa rígida e a gente se preparava muito tempo antes para os desfiles. Exercícios de manhã á noite, era uma coisa assim, muito severa. [...] Na Semana da Pátria nós ficávamos ensaiando, era sagrado, nem aula tínhamos quase, era mais assim, se preparar para marchar. Era muito bonito (MILETTO, 2013).

Como destaca Vaz (2006), a comemoração da Independência do Brasil foi uma das datas cívicas mais celebradas durante o período do Estado-Novo. O Dia da Pátria incluía-se nas comemorações da Semana da Pátria, juntamente ao Dia da

Raça, 03 de setembro e ao Dia das Escolas, 06 de setembro. Desta forma, quando questionadas com relação à Semana da Pátria, muitos foram os fatos que surgiram no imaginário das ex-alunas entrevistadas. Dentre eles destaco um em especial, o qual foi bastante recorrente nos depoimentos: os extensos ensaios para o desfile cívico. Assim, as senhoras lembraram a ida de militares ao município especialmente para ensiná-los e ensaiá-los a marcha, durante o período que antecedia as comemorações da Semana da Pátria:

Tinha um soldado, um milico, ele que nos ensinava marchar e tinha que ir “muito bem, obrigado”. Bem arrumadinho. Eu me lembro que teve um ano que no dia 07 de setembro, nós fomos desfilar e tinha geada e nós com roupa de manguinha curta (TOMEDI, 21013).

Na imagem abaixo, destaca-se a presença de um militar, no canto esquerdo da fotografia, sendo notório o seu envolvimento com a organização dos alunos. A partir disso, pode-se afirmar que a presença de soldados na instituição de ensino perpassava desde os tempos de preparação e de ensaios até o dia que, de fato, ocorria o desfile.

Figura 21 - Presença de um Militar na organização dos alunos no tempo que antecedia o Desfile Cívico.



Fonte: Foto Perin.

Ao mesmo tempo em que relatavam o empenho dos alunos nos ensaios, as ex-alunas entrevistadas admitiam que, esta era a comemoração mais aguardada durante todo o ano letivo, percebendo, desta forma, um movimento em prol da organização, por toda a comunidade escolar. Assim, enquanto os alunos ensaiavam a marcha, as Irmãs uniam-se na produção de frases alusivas à Independência, faixas comemorativas e enfeites para o desfile, conforme relatado nos trechos abaixo:

Era uma maravilha sabe? Elas faziam uma porção de enfeites de coisas. Até uma vez eu fui comandando um pelotão [...]. Nós sempre íamos e elas sempre enfeitavam muito, era muito bonito sabe? Nós íamos com bandeiras, faixas, às vezes, com letras feitas de flores, com dizeres. Era muito bonito, elas eram muito caprichosas [...]. Era muito tempo de preparação antes, nossa, e como era [...] Tínhamos que ensaiar a marcha também (ELIAS, 2013).

Nós íamos à praça e lá eles ensinavam a marchar, ensaiávamos e nos apresentávamos no dia sete de setembro, para os pais e o pessoal que ia assistir a Ginástica [...]. O desfile era uma coisa linda, então, todo mundo não via a hora que chegasse sete de setembro [...]. Olha aqui [apontando para a fotografia]. “Escola Nossa Senhora Aparecida. Tudo pela Pátria”. E tinha que ir, bem, bem, bem (LENZI, 2013).

Na imagem a seguir, datada do ano de 1942, destaca-se a organização inicial dos alunos do Colégio, para o desfile do Dia da Pátria, na rua onde ainda se situa a instituição de ensino. Além das crianças, observa-se também a presença das Irmãs, coordenando a formação no período que antecedia a marcha propriamente dita. Entretanto, o que se deseja enfatizar nesta fotografia são os dizeres presentes nos uniformes das crianças, os quais também foram destacados no trecho do depoimento acima descrito. Talvez, a imagem não esteja nítida o suficiente para que se perceba logo ao olhar, entretanto, se nos atentarmos a ela, é possível perceber as iniciais do Colégio postas nas camisetas da primeira fileira de meninas: E.N.S.A. (Escola Nossa Senhora Aparecida). Esta por sua vez, é seguida por uma frase, onde cada uma das letras que a compõe, também esta posta no uniforme das alunas: “Tudo pela Pátria”. Além disso, um dos alunos está segurando a bandeira do Brasil, juntamente com outros que estão com instrumentos musicais.

Figura 22 - “Escola Nossa Senhora Aparecida. Tudo pela Pátria”.



Fonte: Acervo de ex-aluna.

As Escolas, de fato, organizavam as grandes atrações das comemorações e a imprensa, por sua vez, exibia com honra seus desfiles, mostrando a preocupação das instituições de ensino com as “cousas da pátria” (VAZ, 2006). As atividades do Dia da Pátria no município de Nova Prata tinham início entre as 14 horas e 15 horas e todos os alunos eram obrigados a participar das festividades. Com relação à programação, além do desfile das escolas do município, uma das senhoras entrevistadas destacou exposições de tiro. Estas, por sua vez, aconteciam no início da cerimônia e somente após ocorria o desfile:

Naquela mesma época, tinha o tiro em Nova Prata e então, naquele ano fizeram exibição de tiros antes e depois desfilou o colégio. Não sei se isso já havia acontecido em outros anos, eu falo de 1939 que era o ano que eu estava lá [...]. Nós ensaiávamos a marcha, declamação de poesias alusivas à independência, ao sete de setembro (JACQUES, 2013).

Era muito bonita a preparação toda [...]. E a população prestigiava. Bastante gente ia olhar. A cerimônia acontecia na praça e era muito bonito, mas era cansativo ao mesmo tempo. Começava cedo e ia até tarde. Era muito bonito, os discursos que os alunos falavam, apresentavam. Sempre teve alunos e alunas que se apresentavam, falavam sobre a Semana da Pátria. Disso eu me lembro tudo.

Tinham festividades que nós nos apresentávamos sempre, o Colégio sempre era o primeiro (MILETTO, 2013).

A partir dos depoimentos destas senhoras, se pôde notar que, os alunos do Colégio Nossa Senhora Aparecida se envolviam com demais atividades, além do desfile em si. Assim, destaca-se a participação de alunos em declamações de poesias alusivas à independência durante as comemorações. Esta questão também é destacada por Vaz (2006), quando afirma que, durante as festividades cívicas no período do Estado-Novo, ocorriam também discursos, apresentações artísticas e esportivas, declamações, desfiles, etc. Além disso, destaca a presença da mídia nestas comemorações, uma vez que esta dava destaque aos alunos que participavam declamando poesias ufanísticas a Pátria.

Na imagem abaixo, retrata-se o desfile cívico, no ano de 1941, em uma das avenidas centrais do município de Nova Prata. Como nas demais fotografias desta investigação, que destacam os momentos de preparação e mesmo do desfile cívico, percebe-se a extrema organização das crianças, posicionadas em colunas. Este era um cuidado que as Irmãs do Colégio Nossa Senhora Aparecida tinham, uma vez que separavam as crianças por idade, tamanho e sexo. Além disso, nota-se também a presença de bandeiras levadas por alunos, bem como instrumentos musicais, cartazes e faixas.

Figura 23 - Desfile Cívico em Nova Prata, no ano de 1941.



Fonte: Foto Perin.

Com relação a esta organização adotada pelas Irmãs, separando meninos de meninas e também por idade e estatura, destaca-se outra fotografia, que melhor representa esta formação. Esta questão também foi lembrada pelas ex-alunas entrevistadas: “A organização para o desfile era em colunas, separados por tamanho e idade” (COLLA, 2013). “O posicionamento das meninas em relação aos meninos também era diferente, éramos separados por colunas” (LENZI, 2013).

Figura 24 - Organização dos alunos, separados por sexo, tamanho e idade, para o Desfile Cívico.



Fonte: Foto Perin.

Nessas comemorações valores eram disseminados entre a população e reforçados juntamente ao público escolar. Assim, elementos religiosos e políticos eram retratados por meio de práticas educativas, especialmente através das apresentações artísticas e/ou esportivas, as quais detinham sempre um discurso voltado ao respeito à Pátria. Tais apresentações, por sua vez, exteriorizavam o que estava sendo desenvolvido pelas escolas com relação aos ideias Vargasistas.

De fato, o Governo da época viu nas Escolas um instrumento útil para o seu projeto de construção da “nova” nação, incutindo, desta forma, ideias de civismo e trabalho em prol do desenvolvimento da Pátria. Assim, as festividades cívicas foram

úteis também nesta aproximação entre a escola e a população em geral em meio ao culto patriótico e difusão de noções de civismo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou descrever como se sucederam as aulas de Educação Física no Colégio Nossa Senhora Aparecida, desde sua instalação em 1937 pela Congregação do Imaculado Coração de Maria, até o ano de 1949, quando ocorreu a solenidade de formatura da primeira turma do curso Ginásial. Com o intuito de contemplar tal objetivo, percorreu-se o contexto sociocultural e político-econômico da época visando apresentar um panorama da realidade na qual o colégio estava inserido e pôde desenvolver suas atividades educacionais.

Nesta direção, esta investigação foi amparada pelas interfaces da História Cultural e Oral, que possibilitou a imersão em um contexto social e histórico repleto de valores católicos e cívicos. Notou-se, através das fontes consultadas que, na época da fundação do colégio, em 1937, o município de Nova Prata estava em desenvolvimento, principalmente em virtude da administração de Adolpho Schneider. Neste tempo, além de Schneider valorizar os costumes e a cultura de cada grupo étnico formador do município, foi possível perceber também suas contribuições relacionadas às questões educacionais, atentando-se, desta forma, para o ensino municipal, público e particular. Pode-se afirmar que esta também era uma preocupação dos imigrantes italianos, poloneses, alemães e afro-luso-brasileiros que compunham a população de Nova Prata. Estes, por sua vez, eram em sua grande maioria, católicos e talvez foi em razão disso, que o desejo de instalação de um colégio dirigido por religiosas surgiu.

No período a que se refere o estudo, um novo panorama político estava emergindo no Brasil, trazendo configurações distintas dos governos anteriores. Assim, o Estado-Novo (1937-1945), de fato, marcou os cenários político, social e educacional do país, principalmente, pela busca de um ideário nacionalista, o qual objetivava a formação de um cidadão civilizado e direcionado para o trabalho. Neste contexto, o Governo viu nas Escolas um instrumento útil para o seu projeto de construção da “nova” nação, inculcando, desta forma, ideias de civismo e trabalho em prol do desenvolvimento da Pátria.

Aliada a esta perspectiva, a disciplina de Educação Física ocupou um lugar de destaque nesta renovação do ideário nacional. Objetivando o desenvolvimento de uma saúde equilibrada, que tornasse os alunos “sadios” e resistentes, passou a ser

vista como uma ação disciplinadora do homem “novo”, construído por meio de uma raça cada vez mais aprimorada e representativa do País. Percebendo este valor, a Constituição outorgada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, previu a obrigatoriedade da Educação Física em todas as escolas de ensino fundamental, médio e também, nos cursos de magistério em nível médio.

Foi através da Educação Física, vinculada ao Método Francês, que se pretendeu suprir as novas “necessidades” impostas pela sociedade brasileira, cada vez mais industrializada e competitiva. Entretanto, o que se percebeu na época foi um desencontro entre o se pretendia com o que, de fato, acontecia nas escolas. Além disso, a campanha nacionalista, imposta por Vargas, interferiu diretamente nos costumes trazidos e mantidos por imigrantes em solo brasileiro e, sem dúvidas, os métodos ginásticos, também sofreram represálias por parte do Governo. Diante destas questões, criou-se a necessidade de se definir que conteúdos, realmente, caberiam ao contexto brasileiro e, ao mesmo tempo, quais deveriam ser banidos.

A criação do Método Nacional de Ginástica, também chamado de “Eclético” surgiu a partir do aproveitamento do que havia de melhor nos Métodos Ginásticos já existentes. Este deveria representar um conjunto harmônico e ter uma consciência não rígida, capaz de moldar-se, sem dificuldade, a todas as exigências, regionais, étnicas, individuais e sociais. Assim, além de prever a realização de exercícios militares, tais como marchas, evoluções e a calistenia, compunha-se também por exercícios localizados, tais como balanceios e flexionamentos e de exercícios educativos, como os jogos. É neste último item que se situa a inovação deste “método”, ou seja, na organização dos desportos como conteúdo a ser abordado durante as aulas de Educação Física nas escolas.

Em detrimento de tais mudanças relacionadas à inserção da Educação Física como disciplina obrigatória nas instituições de ensino, bem como desta posterior alteração na ênfase de seus conteúdos, que se julgou relevante entender este processo dentro de um colégio dirigido por religiosas. Desta forma, além de se fazer presente a rigidez do sistema político militarizado, coexistiam também valores morais e religiosos, que de certa forma influenciaram os saberes imbricados neste Colégio. Assim, para melhor compreender estas questões elaboraram-se três perguntas que nortearam esta investigação.

A primeira delas se interessou em saber quem foram os primeiros professores de Educação Física do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Diante disso, a partir das

fontes consultadas, percebeu-se que, as Irmãs, nos primeiros anos de funcionamento do Colégio assumiram diferentes funções dentro da instituição educativa. Desta forma, além das questões administrativas e organizacionais, era de responsabilidade delas também, as disciplinas escolares, incluindo-se as aulas de Educação Física. Segundo as fontes documentais consultadas, esta realidade se fez presente até o ano de 1945, quando o colégio passou a oferecer o curso Ginásial e, em detrimento disso, registrou-se um novo corpo docente. A partir deste ano as aulas de Educação Física, deveriam ter ficado sob responsabilidade do professor João Callego, que segundo as fontes documentais assumiu a disciplina de “Educação Física do Ministério, Educação e Saúde”. Entretanto, apenas uma das dez entrevistadas citou a presença de um professor no Colégio, responsável por esta disciplina. As demais, afirmaram que, durante o tempo em que permaneceram na instituição, as únicas professoras de Educação Física foram as próprias irmãs.

A segunda questão norteadora referiu-se aos conteúdos que, de fato, eram ensinados aos alunos do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Desta forma, a partir das falas das depoentes é possível assegurar que as aulas de Educação Física do Colégio, no período de 1937 até 1949, acompanharam de certa forma, as mudanças de conteúdos e de abordagens ocorridas neste período. De fato, passou-se dos conteúdos baseados, exclusivamente, nos métodos ginásticos, como a marcha e calistenia, para a progressiva inserção de jogos e posterior incorporação do esporte nas aulas. Este por sua vez, inseriu-se um pouco antes das alunas entrevistadas deixarem a instituição de ensino, ou seja, em meados da década de 1940.

A terceira questão pretendeu saber quais foram os procedimentos didático-pedagógicos aplicados pelos professores nas aulas de Educação Física do Colégio. Assim, percebeu-se que as primeiras aulas de Educação Física do Colégio já contavam com um plano de aula minimamente estruturado, tendo assim dois momentos distintos e com diferentes formas de abordagem pela professora. Desta forma, o primeiro momento da aula compunha-se de uma dinâmica mais formal, sendo realizados exercícios calistênicos. Já o segundo momento, mais recreativo, era composto por jogos e brincadeiras. Entretanto, as alunas entrevistadas destacaram que, os objetivos, bem como os conteúdos das aulas de Educação Física, modificavam-se à medida com que se aproximava o mês de setembro e, conseqüentemente, as comemorações da Semana da Pátria. Assim, a estrutura padrão das aulas de Educação Física cedia lugar aos “ensaios da marcha” como, de

fato, eram denominados pelas senhoras. Esta questão foi uma das principais lembranças das ex-alunas entrevistadas.

A Semana da Pátria era a comemoração mais importante do Colégio, na qual as aulas Educação Física tinham papel fundamental. Em alguns depoimentos, alunas destacam os extensos ensaios para o aprendizado da marcha, principalmente, no período que antecedia o desfile. Nessas comemorações valores eram disseminados entre a população e reforçados juntamente ao público escolar. Assim, elementos religiosos e políticos eram retratados por meio de práticas educativas, especialmente através das apresentações artísticas e/ou esportivas, as quais detinham sempre um discurso voltado ao respeito à Pátria. Tais apresentações, por sua vez, também exteriorizavam o que estava sendo desenvolvido pelas escolas com relação aos ideais varguistas.

A presença do Colégio Nossa Senhora Aparecida no município de Nova Prata teve especial relevância devido ao fato de ser a primeira instituição de ensino a oferecer o curso primário e a funcionar em regime de internato. Além disso, o Colégio foi mais do que um espaço escolar, uma vez que proporcionou uma prática pedagógica voltada para a formação integral de seus alunos através de suas disciplinas curriculares e práticas educativas.

Destarte, investigar as aulas de Educação Física em uma instituição educacional católica configurou-se como importante na medida em que permitiu-nos penetrar num espaço escolar mergulhado em um universo de valores católicos em relação à família, à moral e aos valores cívicos. Ao retratar nesse texto as memórias do Colégio Nossa Senhora Aparecida de Nova Prata/RS no período de 1937 até 1949, esse trabalho tornou-se relevante para compreender o trabalho educacional desenvolvido em um espaço escolar, em determinado período, por uma Congregação Religiosa. Diante disso, esta investigação se justifica por ser uma forma de registro histórico que vem a contribuir para com a preservação da memória do processo de escolarização da Educação Física no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Da “versão” a “narrativa” no Manual de história oral.** História Oral, v.15, n. 2, p. 159-166, jul/dez. 2012.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. Possibilidades das fontes orais: um exemplo de pesquisa. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 73-98, dez. 2008.
- AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados x Galinhas Gordas: Desdobramentos da Educação Laica e da Educação Católica na cidade de Pelotas. Décadas de 1930 a 1960.** 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2003.
- BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (ORG.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARDIN, L. (2000). **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70.
- BARROS, José D’Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.
- BRIANI, Cecília Coradin. **Entrevista.** Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.
- CASTRO, Celso. In: Corpore sano. Os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem. 1997.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CHICON, José Francisco. Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, vol. 14, núm. 1, p. 13-38, janeiro-abril, 2008.
- COLLA, Bacilide. **Entrevista.** Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.
- COLÉGIO NOSSA SENHORA APARECIDA. **Histórico do Colégio.** Nova Prata, [s.d.].
- CORRÊA, Denise A. Ensinar e aprender educação física na “era Vargas”: lembranças de velhos professores. In: **Anais do VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.** Curitiba, 2006.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro, n.155, p. 139-154, março, 2002.

ESCOLA PARTICULAR NOSSA SENHORA APARECIDA. **Relatório das Atividades da Escola Particular Nossa Senhora Aparecida desde a sua Fundação**. Nova Prata, [s.d.].

FARINA, Geraldo. **História de Nova Prata-RS**. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

FURTADO, Alessandra Cristina. História de um espaço escolar feminino: O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918-1960). **Caderno de Resumos do II Congresso Brasileiro de História da Educação. História e Memória da Educação Brasileira**. Natal, novembro 2002.

GALEAZZI, Zaira. **Casa de Pedra**. Porto Alegre: Posenato & Cultura, 1989.

GALEAZZI, Zaira. **100 anos da cidade de Nova Prata**. Casca: Toazza Artes Gráficas Ltda, 1998.

GALEAZZI, Zaira. **O Grande Prata e sua história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco Nunes Souto. A educação física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal. **EDUFSCar**, São Carlos: 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLANDA, Fabíola Barbosa. **Experiência e Memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.icm-sec.org.br/institucional.php?id=14>> Acesso em: 08 de agosto de 2013.

JACQUES, Maria de Lourdes Vieira. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **A palavra do outro: uso e ética**. In: XX Encontro Anual da ANPOCS, 1996, Caxambu.

LENZI, Nery Cherubini. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

LYRA, Vanessa Bellani. **A Criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: Formação de professoras(es) para a construção do campo**

(1940-1970). 2013. 265f. Tese (Doutorado), Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

MARINHO, Inezil Penna. **História Geral da Educação Física**. São Paulo, Editora Gráfica Latina Ltda, 1980.

MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4ª Edição – Revista e Ampliada. Edições Loyola, São Paulo – SP, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MILETTO, Zélia Colla. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

MUSEU MUNICIPAL DOMINGOS BATTISTEL. **Galeria de Fotos Históricas**. Disponível em: <<http://www.museudomingosbattistel.com.br/>> Acesso em: 25 de setembro de 2013.

PAGNI, Pedro Angelo. **A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1929): Cuidados com o corpo, educação física e formação moral**. In: NETO, Amário. (ORG.). Pesquisa Histórica na Educação Física. Vitória: UFES, 1997, v.02.

PERIN, Albina Leonilde. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

PERUZZO, Maria do Carmo Vieira. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PICCOLI, João. Educação Física Escolar no Rio Grande do Sul. In: DACOSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: n. 114, p.179-195, nov. 2001.

SANTOS, Andrea Paula dos. Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho. In: **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador: Tecnologia e Civilização**. 2005, Ponta Grossa: v. 1, 2005, pp. 1-8.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. 128, p. 451-472, ago. 2006.

SBROGLIO, Albertina. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

SCHNEIDER, Omar. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da Educação Física nas décadas de 1930 e 1940 – Um estudo a partir da revista Educação Physica. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, V.25, nº. 2, p. 39-54, jan./2004.

SOARES, Carmen Lúcia. **Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da Ginástica no Brasil**. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Org.). História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, v. 01, p. 133-178.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física escolar: Conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl. 2, p. 6 a 12, 1996. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo1.pdf>.> Acesso em 07 jul. 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes européias e Brasil**. 4ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima. A militarização na infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 52, nov./2000.

THOMPSON, Alistar. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOMEDI, Ady Izabel. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

VAGO, Tarcício Mauro. Cultura escolar, cultivo de corpos: *Educação Physica e Gymnastica* como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 121-135. 2000.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado-Novo (1937-1945)**. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

WOLFF, Dileta Frison. **Entrevista**. Concedida à Tuany Defaveri Begossi. Julho/2012.

XERRI, Eliana Gasparini. **Nova Prata: uma incursão na história**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Dados pessoais do entrevistado:

- ▶ Nome
- ▶ Idade
- ▶ Profissão
- ▶ Outras informações relevantes

Relações com o Colégio Nossa Senhora Aparecida:

- ▶ Ano de egresso no Colégio Nossa Senhora Aparecida.
- ▶ Como era a estrutura física do Colégio?
- ▶ Como era a estrutura administrativa do Colégio (as freiras, o rigor, os horários, o internato)?
- ▶ Como era a aula de Educação Física (Ginástica)?
- ▶ Quantas vezes na semana havia aulas de Educação Física (Ginástica)?
- ▶ Que atividades eram desenvolvidas nessas aulas?
- ▶ Como eram lecionadas as aulas por parte do professor?
- ▶ O professor era muito rigoroso?
- ▶ Ocorreram mudanças nessa prática durante o tempo que estava no Colégio?
- ▶ Lembranças a cerca da Educação Física ou Ginástica Escolar daquela época.
- ▶ Outras informações relevantes para o entrevistado.

Informações extras relevantes para a pesquisa:

- ▶ Fotos, matérias de jornais, objetos (troféus, medalhas, uniformes).
- ▶ Outras pessoas importantes a serem entrevistadas.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA DO ESPORTE E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente documento, eu, _____

CPF nº _____, declaro, ceder ao Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei.

Ao Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do depoente